



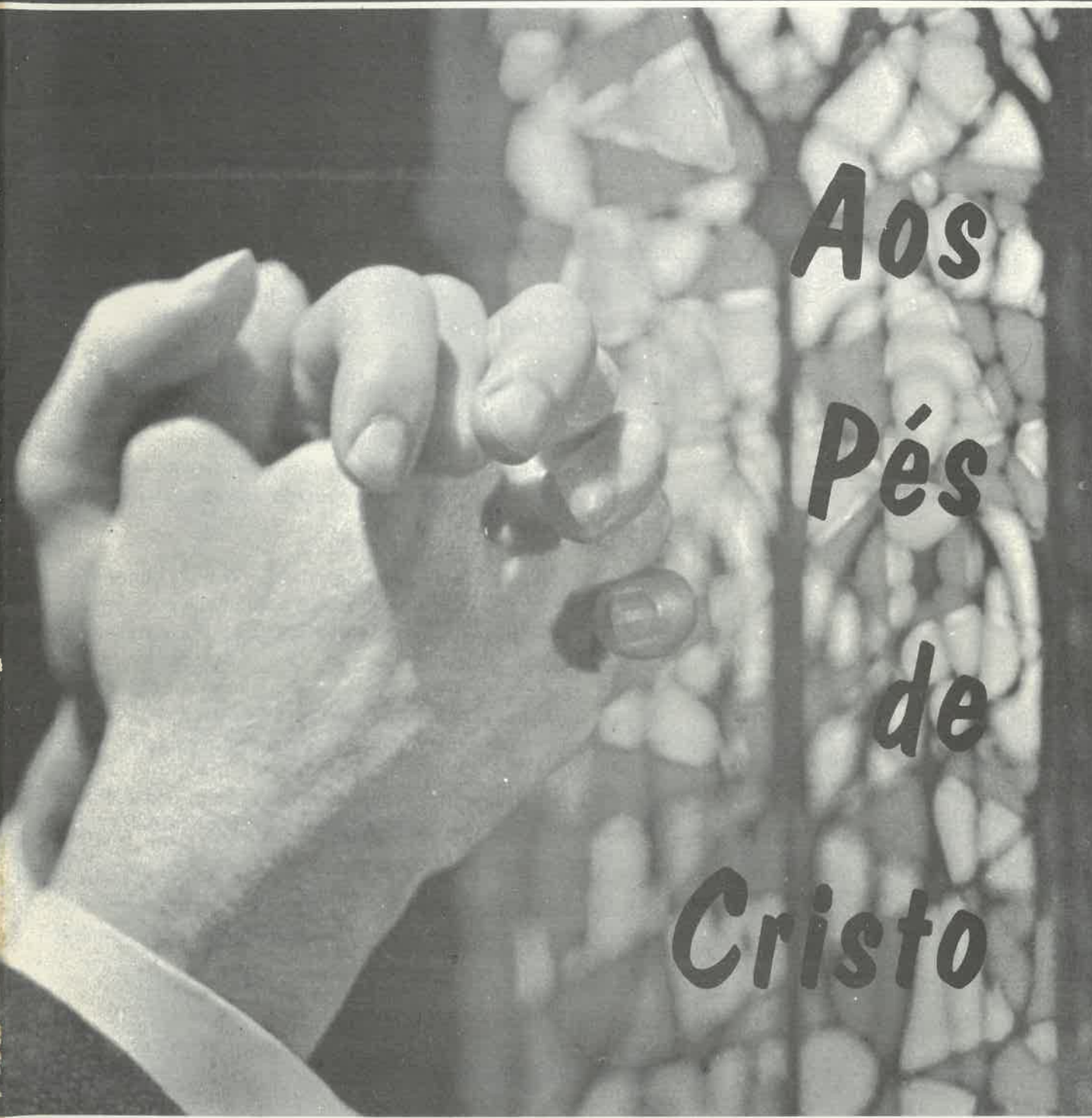
REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

MARÇO DE 1968

Comunicações
para a

SEMANA DE ORAÇÃO
M. V.



**Aos
Pés
de
Cristo**

SUMÁRIO

Mensagem do Presidente da Conferência Geral

Este Maravilhoso Livro

AOS PÉS DE CRISTO

O Amor de Deus pela Humanidade

Confissão

Consagração

O Conhecimento de Deus

A Prova do Verdadeiro Discípulo

O Privilégio da Oração

O Plano de Deus

Alegria no Senhor

Posição Correcta na Oração

MARÇO DE 1968

ANO XXIX

Nº 258

Director e Editor:

A. J. S. CASACA

Administrador:

D. S. R. VASCO

Corpo de Redacção:

A. CASACA, E. FERREIRA,

J. M. MATOS, M. MIGUEL,

O. COSTA E P. RIBEIRO

Proprietária:

UNIÃO PORTUGUESA DOS
ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Texto inteiramente dactilografado

e impresso pelo sistema de
duplicação "off-set".

Número avulso: 4\$00

Assinatura anual: 40\$00



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA CONFE- RÊNCIA GERAL

Aos jovens de todo o mundo:

Eu vos saúdo, jovens de todos os países! Eis-nos chegados a uma nova Semana de Oração. Possam estes dias especiais trazer-vos grandes bênçãos e conceder-vos a ocasião de reconhecer a presença de Deus evidente, tangível, na vossa vida quotidiana e na rotina das vossas actividades no Seio da Sociedade M. V.

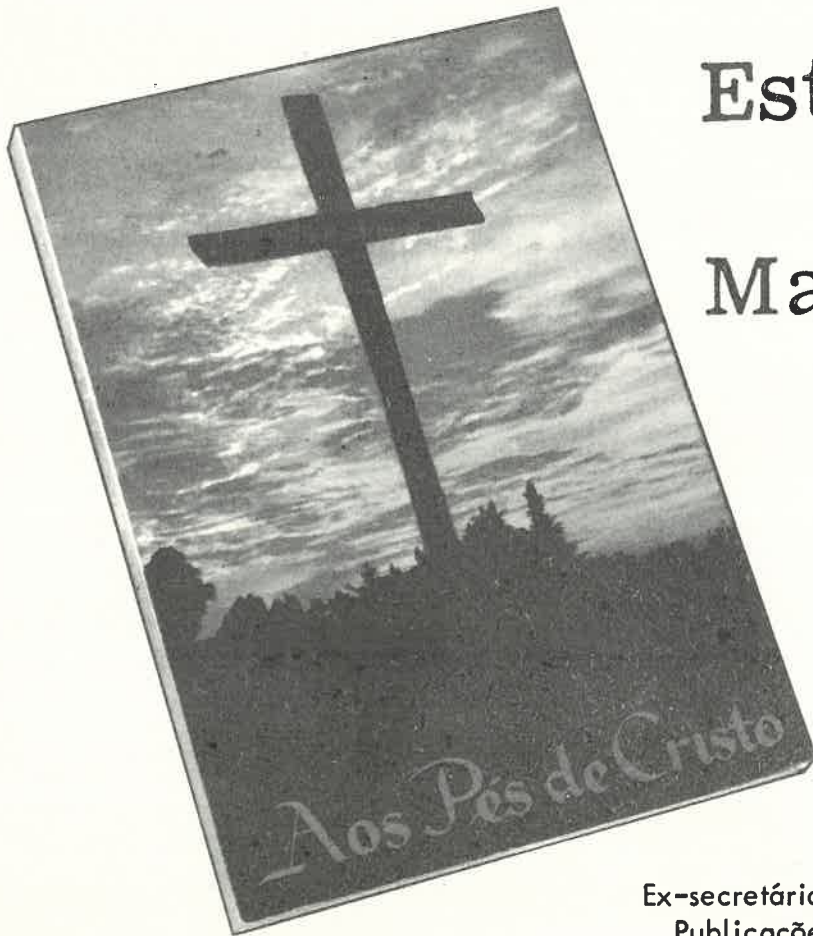
Todos nós, dirigentes da Conferência Geral, necessitamos de vós, e pedimos para vos unirdes a nós para levarmos a bom êxito esta grande ofensiva que visa terminar a obra de Deus e apressar a volta de Jesus. Necessitamos das vossas orações, do vosso entusiasmo, do vosso zelo e dos vossos talentos postos inteiramente ao serviço de Deus. É preciso que, pela vossa maneira de viver, alegre e consagrada, pelo estudo da Bíblia e pelo ensino, pela vossa contribuição na organização de Escolas Sabatinas Filiais, deis um vivo testemunho de que pertenceis a Deus.

Exorto-vos, portanto, a responder ao apelo que vos é dirigido de procurar viver uma vida cristã mais verdadeira e mais profunda. Do testemunho que derdes dependerá a eficácia e o poder de persuasão.

Que 1968 seja um ano rico em êxito — que ele nos aproxime do nosso alvo que é, repetimos, terminar a obra e apressar o dia da vinda do Senhor.

Robert H. Pierson

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Este

Maravilhoso

Livro

Bessie Mount

Ex-secretária-assistente, do Escritório das Publicações da Senhora E. G. White

COMO se fizesse sentir a necessidade dum livro que contribuisse para espalhar a mensagem do terceiro anjo e ao mesmo tempo edificar comunidades evangélicas sólidas, os pioneiros adventistas reconheceram a necessidade de editar um volume de pequenas dimensões, e a um preço acessível, referindo-se à experiência cristã individual — em conclusão, um livro que pudesse ajudar os que o lessem a encontrar em Cristo o seu Salvador pessoal. Durante o verão de 1890, um grupo de pastores veio apresentar a proposta à Senhora White. Daqui resultou o pequeno volume intitulado em inglês "Steps to Christ," traduzido em português sob o título "Aos Pés de Cristo."

Ninguém, além da Senhora White, tinha, no nosso meio, as qualificações necessárias para preparar um livro deste género. Durante mais de quarenta e cinco anos, ela dedicou todo o seu tempo a escrever e a pregar, entrando em contacto com uns e com outros com o único fim de dispor os corações a receber Jesus e a tomá-lo como modelo. Melhor ainda, não seria ela o instrumento que Deus escolhera para dar instruções à Igreja Remanescente? Em todos os seus escritos — quer se tratasse de livros, de artigos, de sermões ou mesmo de cartas dirigidas a particulares — encontravam-se numerosas passagens referentes aos meios de alcançar a

salvação e explicando, de maneira exacta, qual devia ser a natureza das nossas relações pessoais com Cristo. Se estes fragmentos pudessem ser reunidos e dispostos segundo um plano lógico, e publicados sob a forma dum livro de reduzidas dimensões, obter-se-ia uma compilação de elevado interesse, contendo as preciosas directivas para todos os que procuram a vereda da salvação.

A Senhora White viu imediatamente o interesse evangélico dum tal volume, por isso pediu à sua fiel secretária, Miss Marian Davis, para extrair, dos seus escritos precedentes, todas as passagens que se relacionassem com este assunto e para as coleccionar por temas. A Irmã White, propriamente, dedicava o melhor do seu tempo a compor outros livros, ao mesmo tempo que continuava a fornecer séries de artigos destinados às publicações vulgares da Igreja. Era-lhe necessário, além disso, redigir as suas mensagens a particulares, intervir pessoalmente junto de alguns membros de igreja e tomar ocasionalmente a palavra diante dum grupo ou de uma assembleia. Estes diversos encargos absorviam praticamente todo o seu tempo. A preparação do pequeno volume progredia apenas muito lentamente.

A Senhora White nem por isso negligenciava este projecto que ela tomou a peito e dedicava-

-lhe todos os momentos disponíveis. À medida que os textos eram divididos em capítulos, ela retomava-os de novo, fazia as alterações necessárias, completava, voltando a escrever todo um parágrafo quando este lhe parecia não ter o tom desejado.

Embora o livro "Aos Pés de Cristo" seja contituído, na sua maior parte, por textos anteriores extraídos dos escritos da Senhora White, não poderia contudo ser comparado a uma simples compilação. Concebido sob a directa orientação da Senhora White, e com a sua efectiva colaboração, ele apresenta uma mensagem homogênea duma elevada qualidade espiritual.

Terminado no verão de 1891, o manuscrito foi apresentado, a fim de ser examinado, aos principais pastores reunidos para uma convenção sobre a educação, em Harbor Heights, no Michigan. O texto foi entusiasticamente aprovado e decidiram publicá-lo sob o título "Steps to Christ," que exprimia melhor o seu conteúdo. Um dos pastores a quem foi confiado o exame do manuscrito, G. B. Starr, declarou mais tarde: "Esta leitura despertou em mim um profundo interesse. Algumas passagens pareceram-me positivamente impressionantes e comoveram-me

como qualquer coisa inteiramente nova. Tal como esta: Pelo dom incomparável de Seu Filho, Deus rodeou o mundo inteiro de uma atmosfera de graça, tão real como o ar que circula em redor do globo." (Aos Pés de Cristo, pág. 73). No momento de devolver o manuscrito à Senhora White, confie-lhe que tinha já lido muitos livros sobre a experiência cristã, mas que nenhum deles, na minha opinião, se podia comparar a este, e que desejava ardentemente, não só que fosse logo publicado, mas que fosse traduzido em várias línguas."

O mesmo pastor Starr sugeriu confiar a sua publicação a um editor não adventista, para que o livro alcançasse uma mais ampla difusão. A Senhora White consentiu, e o manuscrito foi enviado ao director duma grande Casa Editora em Nova York especializada em literatura religiosa. A primeira edição saiu em 1892. O preço foi fixado em 65 centimos do dólar cada exemplar. Em pouco tempo encontrava-se o pequeno volume em todas as livrarias do país e vendiam-se milhares de exemplares; assim como no decorrer do primeiro ano, a obra conheceu sete edições sucessivas. Alguns, no entanto, lamentavam o facto de que um livro da Senhora White fosse editado

AOS PÉS

Sábado, 16 de Março de 1968

O AMOR DE DEUS PELA HUMANIDADE



Louis B. Reynolds

UM CRISTÃO firme, animado duma fé comunicativa, fixou um dia um catavento sobre o telhado de sua casa no qual aplicou um dístico em letras do tamanho da mão: "Deus é amor." Um dos vizinhos fez-lhe a observação que era colocar uma verdade eterna numa coisa bastante move-dição! A isto o nosso homem respondeu que isso não tinha importância nenhuma visto que DEUS É AMOR, seja qual for a direcção donde venha o vento.

Deus revelara a Abraão a Sua onnipotência (Gén. 17:1). A Jeremias Ele demonstrara a Sua onnipresença (Jer. 23:23, 24). O Apóstolo Paulo pôs em evidência a Sua omnisciência (Heb. 4:13), e o apóstolo Tiago a imutabilidade d'Aquele a quem ele chama o "Pai das luzes" (Tiago 1:17).

Mas é ao apóstolo João que cabe o mérito de nos ter dado a mais elevada concepção de Deus, numa curta frase, tão clara e tão absoluta, que se traduz sem dificuldade em todas as línguas: "Deus é amor" (I João 4:8).

A palavra "amor" toma, no Novo Testamento, uma significação particular. Encontra-se aqui 140 vezes (das quais umas trinta como sinónimo de "caridade"). A língua grega dispõe de quatro termos para designar o amor, mas, dos quatro, é "agape" que o exprime duma maneira mais sublime. Esta palavra define uma espécie de amor do qual não existe praticamente um exemplo fora das Sagradas Escrituras, um amor tão grande e tão profundo que os termos usuais são impoten-

por uma casa não adventista. Assim, alguns anos mais tarde, a Senhora White resgatou os direitos à Casa Revell para passar a confiar a publicação do seu livro às nossas Casas Editoras. Ela aproveitou a ocasião para acrescentar no princípio do volume o capítulo intitulado "O Amor de Deus pela Humanidade," o que aumentou para treze o número dos capítulos que era inicialmente de doze.

Desde então, segundo as necessidades, "Aos Pés de Cristo" tem sido traduzido noutras línguas. Existe hoje em oitenta e seis línguas incluindo o árabe e o zulu. A maioria das nossas quarenta e quatro Casas Editoras procedem periodicamente à sua publicação. A seguir à primeira edição em 1892, milhões de exemplares saíram do prelo, e, presentemente, as vendas anuais atingem praticamente meio milhão de exemplares.

A ideia de uma edição de bolso nasceu, durante a primeira guerra mundial, da necessidade de dispor de um volume de dimensões reduzidas, mais especialmente destinado aos combatentes do Exército e da Marinha. Esta edição revelou-se tão prática e tornou-se tão popular que se

decidiu dar a mesma paginação à edição corrente. O texto apareceu também em braille e sob a forma de discos.

Há mais de setenta e cinco anos, este precioso volume tem exercido o seu extraordinário brilho junto daqueles que se deixavam submergir pelo pessimismo da existência. Ele produz em todos o sentimento da presença e do amor de Deus, conduzindo-os ao Salvador e concedendo-lhes a fé e a coragem de viver n'Ele e para Ele. Só a eternidade revelará quantos corações têm sido tocados e transformados pela sua influência.

Desde a primeira aparição de "Aos Pés de Cristo," muitos livros — e, digamos, bons livros — saíram do nosso prelo. Quantos existem ainda hoje? A maior parte envelheceram e tivemos que deixar de os publicar, porque não correspondiam à época. Mas "Aos Pés de Cristo" continua a existir, vivo, pronto a espalhar a sua mensagem de luz e a confortar os corações como o fazia no princípio deste século. Que vós possais também, no decorrer desta Semana de Oração, descobrir a resposta às vossas mais profundas aspirações.

DE CRISTO

tes para lhe exprimir a grandeza. A sua plena significação, tal como se encontra expressa no Novo Testamento, apenas aparece num plano divino — o do amor de Deus. O que distingue este amor dos amores terrestres, é que ele escolhe o seu objecto voluntariamente, com uma intenção benevolente e que vela pelo bem do que escolheu. Tal é o amor de Deus para com os homens.

O ERRO DOS QUE PREFEREM IGNORAR A DEUS

A Grécia e a Roma antiga, que foram civilizações sem Deus, eram definidas pelos historiadores como "um mundo sem amor." Como atributo de Deus, o amor torna-se sinónimo de divindade e a própria existência de Deus, — Seu Ser — exprime-se no amor infinito. O apóstolo João põe em evidência o extraordinário reflexo deste amor quando declara: "...qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus." Mas "aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é caridade." (I João 4:7, 8).

Alguns afastam-se de Deus porque não o conhecem. Ele é para eles o que era para os Atenienses: "o Deus desconhecido." (Actos 17:23). Saberão eles que "não amar a Deus" é um sintoma de morte espiritual? (I João 3:14).

Ignorar a Deus, é ser levado a dar uma interpretação errónea aos factos e às circunstâncias,

é não ver, na prova, senão apenas um castigo ou o efeito duma fatalidade cega. É recusar-se a crer numa providência infinita para temer sem cessar os golpes do azar. Uma tal atitude gera a revolta: o homem acusa Deus de injustiça, considera como zero os mandamentos, não hesitando pisá-los a pés; repele todos os apelos do Céu, recusa-se mesmo a ouvi-los e fecha o coração ao amor que deveria iluminar a sua existência. Agir deste modo é mais do que temeridade, é loucura. Além da angústia que infalivelmente resulta duma tal atitude mental, aquele que se compraz nisso corre o risco aliás mais grave: perderá a sua oportunidade de ser absolvido e quando chegar o terrível dia ouvirá dizer por Aquele que unicamente o podia salvar: "Não te conheço!".

Quem diz amor subentende o objecto amado, do mesmo modo que um vale sugere a existência de duas cadeias de montanhas paralelas, ou que uma medalha o molde no qual foi fundida. Foi o amor pelos pobres soldados feridos que levou Florence Nightingale aos campos de batalha da Crimeia; o amor cheio de piedade pelos pobres escravos, que fez passar à posteridade os nomes de Wilberforce e de Lincoln.

O "objecto" amado de Deus é o nosso mundo. O termo aplica-se por vezes ao universo inteiro, por vezes ao planeta, por vezes aos seres que o povoam. Mas assim como nós atribuímos mais valor ao quadro do que à sua moldura, ao canário do que à gaiola dourada onde ele se encontra fechado, Deus reserva a essência do Seu amor não ao mundo como moldura, mas aos homens e mulheres pela salvação dos quais Ele deu o Seu Filho.

A maldição do pecado pesa sobre o nosso mundo, votado, por este facto, à destruição. Se, não há muito, esta destruição parecia a alguns muito improvável, hoje, bem poucas pessoas a põem em dúvida. De que se compõe o nosso globo? Segundo toda a aparência, de um núcleo de lava incandescente encerrado numa crosta solidificada. A acreditar no que dizem os astrónomos, treze estrelas fixas — treze sóis por consequência — se teriam volatilizado no decorrer dos três últimos séculos. De facto, a nossa Terra é bem pouca coisa! E, no dizer dos químicos, a própria água, considerada como elemento incombustível por excelência, encerraria um componente inflamável. Compreende-se então, que, fazendo alusão ao número fabuloso de elementos combustíveis que entram na composição do globo, Sir Charles Lyell pudesse declarar: "O que admira não é que a nossa Terra se dissolva um dia, mas antes que, durante um determinado tempo, ela tenha podido subsistir." Não estará a sua conclusão de acordo com as profecias bíblicas relativas ao futuro destino do nosso planeta? "Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão." (II Pedro 3:10).

AMAR MESMO OS QUE SÃO INDIGNOS DE SER AMADOS

Deus ama a Terra que criou e as criaturas a quem deu a vida. Se assim não fosse, como poderia Ele considerar como "muito bom" tudo o que fizera? Não se pode admitir a mínima dúvida: Deus ama as Suas criaturas, mesmo as rebeldes. E a prova está em que Ele enviou o Seu Filho ao mundo "não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele" (João 3:17). O apóstolo Paulo especifica-o na sua primeira epístola a Timóteo: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores..." (I Tim. 1:15). Após a trágica queda de Adão e Eva no Éden, o pecado, como um cancro maligno, insinuou-se por toda a parte do mundo. Quantas lágrimas não tem ele feito correr! Tem despedaçado os corações, arruinado por um sopro as mais belas esperanças, minado a alegria dos lares, cavado inumeráveis sepulturas. Ele está presente em cada crime perpetrado, em todos os vícios, todas as perversões que assediam a a imaginação dos homens, em cada uma das nos-

sas traições, cada uma das nossas desobediências; ele está colado à nossa pele, como lepra infame a que nenhum tratamento pode pôr cobro. E contudo, por mais disformes que estejamos, Deus continua a fazer repousar sobre nós o Seu infatigável amor.

E é mesmo nisto que reside o milagre. O amor de Deus não é uma espécie de recompensa oferecida à virtude. É uma mão estendida para arrancar pobres seres da maldição, para os conduzir para a luz e os salvar do império da morte. Os que não conhecem a Deus duvidam disto? Transtornados como estão pelos prazeres mundanos, sedentos de ganhos e gozos, apenas vêem em Deus o Senhor inexorável, firmemente decidido a privá-los de toda a alegria. Em todo este falso brilho que o mundo lhes oferece, eles crêem sinceramente encontrar o apaziguamento para as suas angústias. E rejeitam a Deus!

Mas tudo o que se faz fora da presença de Deus traz consigo o germe da morte. Tu, que tens cobiçado? Não se cobiça nada impunemente! Todas as coisas cobiçadas correm o risco de um dia constituir a nossa perda, como aquela capa babilónica e aquele ouro roubados por Acá. Tu amas as honras, tu procuras a tua própria satisfação; mas isso mesmo te perderá e tu ficarás abatido como o ficou Hamã. Tu correes a fama; ela também te trairá como traiu Absalão. Confiar no mundo, descançar nas suas promessas, é descançar no vento! O mundo acolhe-te com o mais sedutor dos sorrisos, mas está pronto a apunhalar-te à traição. Não te deixes arrastar por todas as liberdades que ele te sugere; elas te aprisionarão antes de te conduzirem à morte donde se não volta mais!

Com Deus, tudo é diferente. Ele amou o mundo de tal maneira que lhe facilitou o meio de escapar ao mal e à condenação. É um amor cheio de benvolência. Um amor que não procura a sua própria satisfação, mas que tem por fim garantir-nos a nossa felicidade. Deus ama-nos por nós e não por Ele próprio. É o que Lhe permite amar-nos mesmo assim, por mais disformes que estejamos. Que poderia Ele encontrar de bom em nós? Se devêssemos ser amados pelos nossos méritos, teríamos nós alguma possibilidade de o ser? Pensemos neste problema: como é que nós, que nascemos com uma natureza pecadora, que somos naturalmente levados a fazer o mal desde a nossa mais tenra infância, que não sabemos mesmo verdadeiramente em que consiste o Bem, como ousaríamos nós pretender agradar a um Deus perfeitamente bom, perfeitamente puro, perfeitamente justo e santo?

Deus, na Sua infinita misericórdia não olha com desprezo estes pobres perdidos, estes filhos e filhas pródigos como nós somos. Ele ama-nos como um Pai misericordioso e apenas de-

seja uma coisa: ajudar-nos, estender-nos a mão, restituir-nos a nossa qualidade de filhos e reintegrar-nos na família celeste.

Durante a guerra da independência nos Estados Unidos, um homem chamado Widman insultou um outro chamado Miller. Os dois antagonistas, como é de calcular, tornaram-se inimigos fegadais. Contudo, quando, algum tempo depois, Widman foi condenado à força sob a acusação de espionagem em benefício da Inglaterra, Miller foi procurar o general George Washington para lhe pedir o perdão para o culpado. O comandante não brincava com estas coisas, e respondeu:

- Eu desejaria perdoar a este homem em consideração por si, que é amigo dele, mas mesmo tomando em conta esta consideração, considero como meu dever não o fazer.

- Mas ele não é meu amigo, protestou Miller. É mesmo o meu pior inimigo. E é por esta razão que desejo vir em seu auxílio.

- Você disse bem "inimigo"? insistiu Washington, um pouco confuso. E você veio ter comigo para salvar um inimigo? Pois bem, esta graça, concedo-lha!

Amar não obstante a ausência total de méritos, eis uma forma de amor muito nobre e muito rara. É a característica particular do amor de Deus para com a humanidade. Washington e Miller provaram que possuíam disposições nobres e benivolentes. Mas o amor que manifestaram não poderia comparar-se ao maravilhoso amor de Deus. Widman insultou Miller numa certa ocasião; o mundo insulta Deus continuamente! Widman, animado de violenta cólera contra Miller, cuspira-lhe no rosto; o mundo, pela sua maldade, pelas suas revoltas e blasfémias, é de outro modo culpado para com Deus! Contudo, o amor de Deus permanece imutável e este amor oferece a todos os homens a Sua graça redentora.

O AMOR CHAMA O AMOR

Seria lógico que, sendo objecto de um tão grande amor, o homem desse a Deus o primeiro lugar nas suas afeições. Além disso, se não temos nada que possa motivar o amor de Deus por nós, temos pelo contrário uma infinidade de razões para O amar. E amar a Deus constitui na vida do homem a mais maravilhosa ocupação, o mais nobre privilégio que existe no mundo. É uma permuta na qual quanto mais se dá, mais se recebe.

Napoleão I, no período da sua grandeza, fundara no castelo de Ecouen, próximo de Paris, um educandário na intenção das filhas dos membros da Legião de Honra. No seu regresso da ilha de Elba, visitou a instituição e recebeu, da parte das jovens pensionistas, uma recepção delirante. Mas o breve entreacto dos Cem Dias chegou ao fim com o desastre militar de Waterloo. E seguiu-se o exílio, definitivo desta vez, em Santa Helena. O imperador decaído — este genial estrategista, que impusera a sua dominação em

quase toda a Europa — apenas reinava agora numa ilha nua e sobre um punhado de fiéis. Durante os longos dias sombrios em que ele pesava dolorosamente a escravidão da derrota e o nada da grandeza, acontecia que uma recordação particularmente agradável ao seu coração lhe trazia o conforto e a calma. Era o caso da recepção entusiasta e atraente das alunas de Ecouen.

O pressuposto autor de "Imitation de Jésus-Christ," Thomas Kempis, definiu o amor inspirado por Deus como "uma coisa admirável... que torna leve tudo o que é pesado," que espalha sem cessar a beleza e a alegria, "que faz esforços superiores às suas forças, convencido de que tudo lhe é possível... Por mais que o fatiguem, ele nunca se cansa; quando o querem comprimir, ele espalha-se, dilata-se; ele não teme quando procuram amedrontá-lo. É uma chama viva, um fogo violento; ele sobe, passa, penetra tudo... É alegre, é agradável... é corajoso; não procura os seus interesses..." — "Imitation de Jésus-Christ," Livro III, cap. IV.

O AMOR EM ACÇÃO

Quando a viúva de Sarepta confessou a Elias que ela e o seu filho estavam a ponto de sucumbir de fome, ele não se limitou a responder-lhe: "Tens toda a minha simpatia. Espero que tenhas tempos melhores!" Ele providenciou-lhe víveres. Jesus, da mesma maneira, manifesta sempre ao infeliz uma simpatia activa. Tal é o dom de Deus, o dom do amor perfeito, existente já antes da fundação do mundo. Tendes cada dia provas deste amor na eclosão da vida, na beleza da natureza, nas cores e nos perfumes.

Deus concede àqueles a quem ama as chuvas da própria estação, os frutos, o trigo em abundância, a vindima e as sementeiras... (Job 5:10 e Lev. 26:4, 5).

Do mesmo modo Ele concede "a vida aos habitantes da terra" (Isaías 42:5), "fortaleza e poder ao Seu povo" (Salmos 68:35), "a sabedoria e conhecimento e alegria ao homem que é bom diante d'Ele" (Ecles. 2:26), e mais este "dom gratuito que é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor." (Rom. 6:23).

Porque nos amou, Deus deu... Ele dá ainda hoje e sempre. A aritmética do amor, é a adição. Deus deu o Seu Filho e o Filho deu-Se a Si mesmo por amor (I João 4:10). Qual será a nossa resposta? Uma simples abstenção, de maneira a não nos comprometermos, como aconselhou a mulher de Pilatos a seu marido? Ou antes a aceitação, a rendição total como a de Paulo? Rejeitar Deus, é juntar-se ao número daqueles sobre os quais se derramarão as taças da Sua ira. Aceitá-l'O, é preparar-se para a mais miraculosa existência, uma vida de encanto e beleza.

"Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente..." (Deut. 30:19).

CONFISSÃO

William Loveless



TENDES já visto sem dúvida, em qualquer montra de loja de bijutarias, um objecto representando três macacos pequeninos. Um tapa os olhos, o outro as orelhas e o terceiro a boca — três gestos simbólicos que significam respectivamente: não "ver" o mal, não "ouvir" o mal, não "dizer" mal. Estes princípios seriam maravilhosos se nos esforçássemos por pô-los em prática em relação ao próximo. Mas, a maior parte das vezes, achamos bem que eles se apliquem ao vizinho e que aquele faria bem inspirar-se neles quando é tentado a julgar-nos! Porque todos nós pensamos no que o vizinho deveria fazer, mas temos certa repugnância em tentar ver claro em relação a nós! Para que dar volta às profundas perturbações da nossa alma? Não será muito mais simples e infinitamente menos arriscado expor à vista dos outros uma superfície lisa, aparentemente sem falhas e dissimular o que existe no nosso íntimo por detrás destas máscaras das quais todos temos em reserva um bom número? Para evitar expor-se, todos os meios são bons: uma amabilidade simulada, um sorriso forçado, uma conversa banal à medida dos desejos, que torna praticamente impossível qualquer permuta aceitável de alma a alma.

No exercício das minhas funções, aconteceu-me frequentemente ver um jovem entreabrir a porta do meu escritório e perguntar com um sorriso que eu sentia ser um pouco forçado: "O senhor está muito ocupado, não é?" Numa ocasião destas, esforçava-me sempre por responder: "Não, entra e senta-te!" Conservando o sorriso, o rapaz entrava no compartimento. Então eu acrescentava: "Queres fechar a porta?" Muitas vezes, mal acabava de fechar a porta, apagava-se o sorriso e o rapaz nem tinha tempo de se sentar sem se desfazer em lágrimas.

Ah! os jovens dispõem de uma vontade diabólica para encobrir os seus impulsos afectivos, o seu pudor, a sua angústia, a sua confusão, mesmo as crianças mais pequenas. Um rapaz — devia ter nove ou dez anos — acabava de perder o seu pai, mortopor acidente em consequência duma infeliz manobra com o seu tractor. Algumas semanas depois, um companheiro de escola perguntou-lhe: "Como vão as coisas em tua casa?" O pequeno encolheu os ombros levemente, e replicou com ar fanfarrão: "Vai tudo bem! Nós dessembarçamo-nos!..." O outro rapaz, com o senso do drama que é uma das características da infância, vibrava ainda com o violento choque causado por esta morte: E então disse baixinho,

dominado pelo embaraço e pela timidez: "Sabes, desde que o teu pai morreu, oro por ti todas as noites." Confuso por sua vez, o pequeno órfão baixou os olhos. Depois agarrando avidamente o seu amigo pelo braço, puxou-o para o outro extremo do pátio de recreio. E ali desabafou: "Sabes, quando me perguntaste se tudo ia bem, eu menti-te. Na realidade, tudo vai mal. Temos aborrecimentos com as vacas e a minha mãe desconhece tudo o que se relaciona com o funcionamento das máquinas agrícolas. Não sabemos verdadeiramente mais que fazer!" Que conforto, não é verdade, quando se pode deixar cair a máscara?

Esta necessidade de disfarce resulta em parte do desdobramento da nossa existência: para cada aspecto da nossa vida, temos a nossa personalidade e o que se vê na igreja não corresponde necessariamente ao de todos os dias; o da intimidade não tem muitas vezes senão apenas uma remota semelhança com a fachada oferecida às pessoas de fora. Este conflito resume-se admiravelmente nesta pergunta dum filho de pastor: "Papá, porque és tão diferente em casa e com as outras pessoas?"

Recorrer às máscaras não é de hoje. Que fizeram Adão e Eva quando confeccionaram aventais de folhas de figueira? E não teremos, nós também, os nossos aventais de folhas de figueira que revestimos, numa patética tentativa de esconder de Deus o que sabemos de nós próprios?

É esta tendência inata do ser humano de abafar os verdadeiros motivos dos seus actos, de camuflar metódicamente tudo o que sabe que é mau, que torna a confissão tão impopular e tão difícil de praticar.

Uma confissão honesta consiste em reconhecer um erro, em admitir que houve pecado e em pedir perdão a quem de direito. Resulta geralmente dum desejo sincero, ou melhor, duma resolução de agir no sentido do Bem. É uma coisa bem difícil de pôr em prática, mas que não é menos necessária!

Para que serve, direis vós, confessar os pecados a Deus? Ele conhece-os melhor que nós próprios! Que nova luz pretenderíamos levar-Lhe acerca das nossas secretas intenções?

E para que serve humilhar-nos aos nossos semelhantes, revelando-lhes uma coisa que poderiam ter ignorado, e que os levará a julgar-nos de futuro sem indulgência? Isso apenas contribuirá para semear a inquietação e a

desconfiança e para fazer nascer a tensão. Contudo os Provérbios são formais: "O que encobre as suas transgressões, nunca prosperará, mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia." (Prov. 28:13).

Alguns não querem ver, na confissão, senão apenas uma exaltação dos sentimentos mórbidos, um masoquismo impenitente. Numa certa medida é efectivamente o caso quando uma pessoa persiste em se torturar por pecados entregues ao esquecimento, que ela traz sobre si desde há muito e que já foram devidamente perdoados. A atitude nevrótica que consiste em se fustigar continuamente, em repetir que se não passa, ao olhar de Deus, de um ignóbil e débil vermezinho, nada tem de tónico nem de construtivo. Completamente diferente é a confissão recomendada pelas Escrituras Sagradas. É uma operação liberal, geradora de força vital e de equilíbrio, um estimulante capaz de restituir uma plena saúde espiritual aos deprimidos e aos cristãos abatidos pelo peso das suas transgressões.

QUE INTERESSE HÁ EM CONFESSAR AS SUAS FALTAS

Deus conhece minuciosamente todas as nossas faltas. Por isso, se Ele nos exorta a confessar-Lhas, não é evidentemente para obter um complemento de informação que só nós Lhe poderíamos fornecer. Não! A confissão é sobretudo proveitosa a nós próprios. Ela obriga-nos a ver com mais clareza as nossas intenções e, por este facto, contribui para o nosso crescimento espiritual. Apresenta além disso o grande interesse em contribuir para restabelecer, numa certa medida, ao seu plano normal, situações agravadas pelo ódio e por zangas tenazes. Porque, em muitos casos, as nossas más acções só nos prejudicaram a nós. Contristaram terceiros, por vezes tão dolorosamente e de maneira tão indelével que nada, por consequência, poderá compensar a ofensa. É em casos deste género, em que uma confissão honesta é acompanhada de pungentes remorsos, que o homem toma consciência da sua fraqueza e compreende até que ponto necessita do amor e do perdão de Deus.

Se o pecado endurece o coração, a confissão produz o efeito inverso: suaviza, apazigua, reconforta. O pecado, um dia ou outro, revela àquele que se deixa arrastar, o quanto ele é pesado. A confissão, essa, alivia, liberta; dispõe o coração a compreender melhor a razão essencial dos mandamentos divinos e desenvolve em nós esta intuição, este discernimento que facilitarão as nossas relações com os companheiros e amigos, assim como com os membros da nossa família.

Mas a confissão só atinge o seu fim educativo quando ela nos leva a renunciar ao pecado. Ora é necessário reconhecer que nem tudo está resolvido em nós sob este aspecto. Contudo, é uma fase necessária. Como esperaríamos vencer as nossas futuras fraquezas se não chegássemos

a vencer as presentes? Uma coisa é certa, contudo: é pelo desenvolvimento da disciplina mental que consiste em chamar todo o pecado pelo seu nome (quer este se manifeste em pensamentos, em palavras ou em actos), e pelo esforço de não minimizar a gravidade, que começa toda a experiência construtiva.

A declaração dum falta a fim de reparar um erro e obter o perdão da pessoa ofendida constitui uma das formas de confissão! Há uma outra que consiste em fazer com toda a honestidade, a uma pessoa escolhida pela sua moralidade e discreção, a declaração total das nossas fraquezas ou dum pecado particular no qual caímos frequentemente. O único facto de ousar confessar o que nos preocupa e de receber, em troca, a confirmação de que não somos os únicos a passar pelo desgosto, pelo temor, pela vergonha, pela angústia, representa uma das mais belas, uma das mais ricas experiências que encerra a vida dum pessoa. É o que ilustra perfeitamente um episódio do livro de G. Guareschi intitulado "Le Petit Monde de Don Camillo."

Ninguém, pròpriamente dito, era responsável pelo temor que reinava agora nesta pequena aldeia no vale do Pó. Mas, tendo-se multiplicado os conflitos políticos entre comunistas e católicos, as condições dispunham-se para uma deflagração. Um incidente banal e imprevisto veio provocar a discórdia. Smilzo, um dos defensores do partido comunista, acabava de ficar gravemente ferido após a explosão dum pneu. Os seus companheiros descobriram-no estendido atrás do camião, como morto e o rosto coberto de sangue. Chegaram a uma conclusão directamente inspirada da leitura dos jornais da noite, que avivara a sua paixão política: Smilzo fora morto por uma bomba lá colocada pelos reaccionários, como era evidente! E quem poderia ter sido o autor deste vil atentado? Para isso eles tinham também uma resposta pronta: um certo Pizzi desejava-lhe a morte; não podia deixar de ser ele!

Peppone, o administrador comunista do bairro e os seus homens rodearam a casa do pressuposto culpado. Este "estava na cozinha, a mexer a polenta. Sua mulher punha a mesa e o seu filhinho ajoelhado junto da chaminé punha lenha no lume." Pizzi estivera em casa toda a tarde. Mas, por mais que ele afirmasse que não estava envolvido no caso, os outros não quiseram saber. Estavam demasiado excitados para poder aceitar os factos à luz da razão e o considerarem inocente. "Peppone deu um passo em frente, com ar ameaçador." Pizzi numa reacção de defesa, pegou num revolver que se encontrava na chaminé: " — Não avance mais Peppone, ou disparo."

"No mesmo instante, alguém, que estava à espreita por detrás da janela, abriu-a brusca-mente, disparou um tiro de revolver e Pizzi tombou... Morreu na manhã seguinte."

A partir deste momento, toda a cidade ficou mergulhada no terror. Cada qual passou a olhar para o vizinho com desconfiança. Não havia muito tempo todos formavam como que uma grande família, cada um tinha os seus amigos, os seus vizinhos, os seus rivais. Agora, eram como estrangeiros que se trancavam, tal era o medo que tinham uns dos outros. Embora a cidade conservasse o seu aspecto habitual, a atmosfera tornou-se positivamente irrespirável e não havia lá um único habitante que se sentisse à vontade.

Uma noite, alguns dias antes do Natal, Don Camillo, o padre da aldeia, estava ocupado na sacristia, a preparar as figuras destinadas ao presépio do Natal. "Ouviu bater no vidro e foi abrir: era Peppone." Peppone era o adversário político de Don Camillo. No entanto, como companheiro cooperando juntos na Resistência, sentiam-se unidos por elos de afeição que nem um nem outro queriam admitir.

Nesse dia, Peppone estava de mau humor. " — É um mundo ignóbil! disse. Não podemos confiar em ninguém. Eu não confio nem em mim próprio!..." Peppone habituara-se a resolver tudo a murro. Mas a força física neste momento não lhe podia valer. O adversário contra o qual ele se batia não era uma pessoa: era um estado de espírito, um ódio desordenado e insensato e não era o caso de uma pessoa em particular. Peppone manifestou o seu rancor:

— Eu queria abandonar tudo! disse ele. Mas é impossível.

— Quem te impede?

— Impedir-me? Eu, eu pego numa barra de ferro e ponho em fuga um regimento.

— Tu tens medo?

— Nunca tive medo na minha vida.

— Eu sim, Peppone. Já me aconteceu ter medo. Peppone pegou no pincel e molhou-o na tinta.

— Pois bem, eu também, algumas vezes! suspirou.

Como explicar esta declaração deste homem explosivo, pronto para a violência e que só exaltava a força brutal? É bem verdade que foi uma atitude para a qual não estava preparado. Para maior confirmação, vamos tomar a liberdade de modificar o fim do diálogo:

— Tu tens medo?

— Nunca tive medo na minha vida.

— É isso que tu pretendes! Mas aposto que neste mesmo momento tu suas de medo!

O impetuoso Peppone teria reconhecido a sua fraqueza se tivesse recebido, no rosto esta pancada despojada de amenidade? Certamente que não! O que o levou a admitir que ele também tinha medo, foi o facto de que outro ser humano consentira em confessar a sua própria vulnerabilidade. É em tais circunstâncias, em que se descobre de momento com espanto uma indulgência e compreensão inesperadas numa outra pessoa, que bruscamente se toma consciência das nossas próprias lacunas e que ousamos abrir a nossa alma.

Mas, se a outra pessoa nos lança em rosto a nossa loucura, ou se nos ataca com argumentos ainda que convincentes, permanecemos cruelmente na nossa posição, decididos a manter a razão contra todos. A confissão humilde e sincera, pelo contrário estabelece uma atmosfera favorável à abertura do coração. É nestes momentos em que ousamos entregar-nos sem reservas, que vemos abrirem-se na nossa frente novas possibilidades. Então, confiantes na compreensão e no amparo dos nossos semelhantes, sentimo-nos mais fortes para enfrentar os embates futuros.

QUAL A ATITUDE A TOMAR PARA CONFESSAR AS FALTAS

A confissão deveria ser imediata e assentar num facto definido. Ao aparecer a noção de falta no campo da consciência (na hipótese duma consciência sã quer dizer vigilante, escrupulosa), quer se trate de culpabilidade para com Deus ou dum acto cometido em detrimento do próximo, é necessário confessá-lo sem rodeios e completamente.

Duma maneira geral, o cristão vive com o sentimento de que as suas faltas lhe são perdoadas pelos méritos de Cristo. É evidentemente esse o caso por tanto tempo quanto ele permanecer em íntimo contacto com o Salvador; porque está então em regra com a justiça divina (Rom. 8:1). Mas não é menos verdade que uma confissão formal, não se referindo a nada de concreto: "Senhor, lamento todos os pecados que cometi, perdoa-me, peço-Te... Amen!" é absolutamente ineficaz! Uma confissão global — e, por este facto, indeterminada — não convém, a não ser que seja em público, na presença da igreja reunida em oração. Na oração secreta ou quando se pede perdão a alguém a quem causámos prejuízo, devemos definir a natureza e a grandeza da falta de que somos culpados. Só deste modo poderemos beneficiar do perdão divino. Porque seja qual for a natureza do pecado cometido, é a Deus que ofendemos em primeiro lugar.

Em todos os casos em que magoámos o coração ou os sentimentos de uma outra pessoa, o nosso primeiro cuidado deve ser pedir-lhe perdão. A Bíblia mostra claramente que é mais fácil estar em regra com Deus quando mantemos relações correctas com o nosso próximo. Os profetas hebreus dos séculos VII e VIII antes de Cristo repetem a uma: Deus "abomina" o sacrifício dos maus e as vãs ofertas dos que não vivem de harmonia com os Seus Mandamentos. Examinai mais atentamente a Lei de Deus. Que ensina ela senão a exigência de relações fiéis e honestas em relação a Deus e ao próximo? Por consequência, todo o verdadeiro filho de Deus deveria ser levado a reconhecer as suas faltas e a pedir perdão.

Na teoria, isso parece muito simples. Mas quantos entre nós são suficientemente grandes, moralmente, para dizer com humildade: "Perdô-me! Eu fiz mal; lamento profundamente o mal que lhe fiz!"

Numa certa ocasião, D. L. Moody pregava a uma numerosa assembleia, quando um jovem estudante de teologia ousou interrompê-lo para formular uma objecção. Moody repreendeu-o severamente. Contudo, quando chegou ao fim do seu sermão, fez uma pausa e continuou: "Meus amigos, devo confessar aqui na presença de todos que cometi uma falta grave no princípio deste sermão. Respondi tolamente ao meu jovem irmão aqui presente. Peço a Deus que me perdôe e peço igualmente a este jovem que queira perdoar-me." E antes que alguém pudesse imaginar o que iria suceder, o mais célebre evangelista do mundo desceu do púlpito e veio pegar na mão do insignificante jovem, completamente anónimo, que ele sabia ter ofendido. Um dos espectadores desta cena insólita resumiu deste modo a impressão geral: "O homem com vontade de ferro provou que dominou a coisa mais difícil a fazer, seja qual for a língua em que se fale: dizer 'lamento'." Outra pessoa acrescentou: "É a coisa mais extraordinária e mais difícil que vi Moody fazer."

Segunda-feira, 18 de Março de 1968

CONSAGRAÇÃO

D. W. Hunter



A FAMA de Jesus espalhou-se por toda a Palestina com a rapidez de um incêndio numa floresta. Desde as populosas cidades até aos mais se aglomeravam para ver de perto este estranho profeta, uns porque queriam vê-lo realizar milagres, outros pelo ardente desejo de ouvir da Sua boca as palavras que lhes trariam a vida e a esperança. Porque se dizia a Seu respeito, "jamais homem algum tem falado como este homem." Nenhuma sinagoga era suficientemente espaçosa para acolher uma tão grande multidão nem nenhuma praça pública suficientemente vasta para conter uma tal afluência de povo. Jesus, no entanto, não repelia estas pessoas ávidas de O ouvirem. À medida que chegavam, mandava-os sentar em filas, na vertente da montanha. Foi assim que as multidões da Palestina ouviram o mais magnífico dos sermões pregados pelo maior dos pregadores que jamais tenha vivido. O tema é para vós familiar. Trata-se do famoso "Sermão da Montanha."

ATÉ QUE PONTO É PRECISO CHEGAR

O verdadeiro arrependimento e a confissão vêm muitas vezes acompanhados de uma reparação. Aí reside uma nova dificuldade. Em que medida conseguiremos reparar? E nos casos que impliquem uma restituição, restituir a quem?

Evidentemente, se o pecado foi cometido contra Deus, não existe reparação possível. Apenas podemos adorá-lo, a Ele, que, em consideração pela morte de Seu Filho, está pronto a apagar completamente, gratuitamente, todas as nossas transgressões. Mas se lesámos uma pessoa, devemos-lhe uma reparação. O dinheiro tirado será restituído com vantagem, o objecto roubado restituído ou substituído. Se se caluniou alguém far-se-á confissão pública; se se é culpado de mentira, rectificar-se-ão os factos.

Sem dúvida, nem sempre podemos reparar o mal que fizemos; o pecado produz efeitos terrivelmente devastadores e difícilmente reparáveis. Mas cada confissão nossa traz consigo a sua recompensa. Adão e Eva tentaram dissimular a sua falta escondendo-se longe da face do Senhor... A confissão, no entanto, abre o único caminho que permite de novo o contacto com Deus. Não deixemos pois que qualquer serpente nos venha sugerir o que devemos fazer!

Esta pregação começa pelas Bem-aventuranças, definidas, por alguns, como sendo os degraus sucessivos do crescimento espiritual. É completada por parábolas e indicações práticas demonstrando que o exercício da piedade deve estar intimamente ligado à vida quotidiana. "Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração," declara Jesus. (Mat. 6:21).

E o Senhor prossegue: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há-de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom." (V. 24).

Como acontecia sem dúvida há dezanove séculos, o nosso problema número um é ainda conciliar as exigências duma vida espiritual activa e dedicada a Deus, com as seduções do luxo, do conforto, do dinheiro e duma existência agradável. "Não vos inquieteis pelo que haveis

de comer, nem pelo que haveis de vestir" recomenda Jesus aos Seus ouvintes. "Não digais: Que comeremos? Que beberemos? Com que nos vestiremos?... Vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas." (V. 31, 32). "Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (V. 33).

Ei-lo dado pelo próprio Jesus, o segredo da consagração e da alegria em Deus: dar em tudo o primeiro lugar a Deus. A Vida não reside nas possessões materiais. Em última análise, há apenas uma coisa que conservaremos da nossa vida presente: é o nosso carácter.

Rapazes, o problema que se vos impõe não é de perguntar: "Como ganharei a vida?", mas antes: "Que género de vida adoptarei?" Porque, estai certos que, se levardes uma existência recta, Deus vos concederá todos os bens materiais que Ele considera vos serem necessários. E se Lhe perguntardes nas vossas orações: "Senhor, que queres que eu faça?" tende confiança, Ele vos responderá.

DAR A DEUS O PRIMEIRO LUGAR

Dai a Deus a absoluta prioridade em todos os actos da vossa vida quotidiana. Começai desde hoje consagrando-vos a Ele, quer dizer, ponde-vos, vós e vossos talentos, à Sua inteira disposição. Consagrar-se! O termo implica mais que um emprego regular ou que um interesse, por mais duráveis que sejam! Podemos consagrar o nosso tempo e os nossos talentos a um trabalho, a uma arte, e mesmo a ganhar dinheiro... Não resultará daqui grande coisa para a nossa vida futura. Mas o mesmo não sucede com aquele que se consagra a si próprio a Deus (consagrado significa "posto à parte para um uso santo"). Quando um rapaz, uma menina decidem entregar-se a Deus, seguem naturalmente um outro caminho e esforçam-se daí em diante por submeter os seus pensamentos e actos à vontade divina.

Um jovem recruta veio procurar o seu pastor antes de partir para o exército. Oraram os dois em conjunto e o futuro soldado profundamente comovido, renovou a sua consagração a Deus. Algumas semanas depois, batia de novo à porta do pastor. Contou então como, à sua chegada ao regimento, se sujeitou a fazer o culto quotidiano da noite. Como se podia esperar, ele expusera-se às grosserias e zombaria dos camaradas. Tímido, extremamente sensível ao ridículo, absteve-se de ler a Bíblia e de orar na presença dos outros... Depois, lembrando-se do seu voto de servir a Deus em todas as circunstâncias, decidiu estudar de futuro todas as noites a sua lição da Escola Sabatina, fosse qual fosse a algazarra que pudesse resultar da parte dos seus companheiros. E decidiu-se a ajoelhar-se junto da cama para orar um pouco antes da extinção das luzes. Nos primeiros dias, cruzavam-se-lhe por cima da cabeça estridentes assobios,

enquanto orava, e choviam sem cessar botas vindas de todos os cantos da caserna sobre o pobre rapaz...

— E agora, interrompeu o pastor, ainda sucede o mesmo?

— Oh não! respondeu o jovem. Temos agora um grupo a estudar a Bíblia e um grupo de oração que se reúne todas as noites junto da minha cama de campanha.

Ter a coragem de agir deste modo, é dar a Deus o primeiro lugar.

Pensai nos que responderam ao apelo de Deus e que se deixaram conduzir por Ele: em Moisés, educado com o fim de subir um dia ao trono de Faraó. Nesse tempo o Egipto contava como uma das maiores potências do mundo. Moisés, com o seu conhecimento das leis e a sua aptidão para governar, a sua experiência militar e a sua subtilidade diplomática teria sido, sem dúvida, o maior Faraó da História. Veio o apelo de Deus que lhe ordenou abandonar os seus privilégios reais para conduzir os Israelitas — este povo de escravos! — até Canaã. Hesitou Moisés? A Bíblia confirma-nos que "ele recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado; tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egipto..." (Heb. 11:24-26).

Por isso não se verá jamais a múmia de Moisés exposta em qualquer museu. Depois de ter conduzido o povo de Israel junto às margens do Jordão, Moisés adormeceu no seu último sono. Mas Deus ressuscitou-o e ele encontra-se desde então junto de Deus. (Mat. 17:4). O Senhor sabia o que era melhor para Moisés. E Ele também o sabe para cada um de nós.

Pensai em Saulo, o fervoroso defensor da tradição judaica. Jovem de uma inteligência particularmente viva, era membro do Sinédrio, honra geralmente concedida a pessoas de experiência. O seu futuro estava traçado. Depois, um dia, deu-se a resplandecente aparição no caminho de Damasco, o apelo de Deus para O servir. Saulo obedeceu à voz de Cristo. Os seus velhos amigos procuraram atentar contra a sua vida; o seu futuro tornou-se incerto... De facto, teria Saulo perdido com a mudança? Tornando-se o grande apóstolo dos gentios, presidiu à formação das primeiras igrejas cristãs e guia ainda com os seus conselhos as de hoje. Apesar de ter conhecimento, algum tempo antes, de que seria executado pelos romanos, jamais negou a sua fé em Cristo. Pelo contrário, dava glória a Deus por ter podido servi-l'O fielmente. E no momento da execução, exclama maravilhosamente confiante nas promessas de Deus: "Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia..." (II Tim. 4:8).

Quase nos nossos dias, viveu Ellen Harmon, uma débil jovem de dezassete anos que, após o grande desapontamento de 1844, reanimou a fé

dos primeiros adventistas nas dispensações divinas. Tendo recebido uma mensagem de Deus, durante uma visão, ela recebeu e pediu ao Senhor para escolher qualquer outro instrumento. Referiu-se à sua pouca saúde, à falta de formação intelectual e a uma timidez que não conseguia vencer. Mas, tornando-se o apelo de Deus mais insistente, ela transmitiu fielmente à Igreja as directivas que recebia do Alto. Tornou-se assim a alma do Movimento Adventista que ela própria organizou e desenvolveu, tendo em vista a vinda de Cristo! Por intermédio dela, humilde instrumento, a voz de Deus chega ainda até nós: "Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!" — "Educação," pág. 271.

BUSCAI PRIMEIRAMENTE O REINO

Quando Jesus declara: "Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas," é uma verdade absoluta, permanente, de que todos podemos fazer a experiência. Muitos jovens pensam — erradamente — que, entregando-se a Deus, todas as alegrias da existência lhes escaparão infalivelmente.

"... A que renunciemos nós, ainda que renunciemos a tudo? — A um coração manchado pelo pecado, para que Jesus o purifique, lavando-o em Seu próprio sangue, e o salve por Seu inefável amor!..." — "Aos Pés de Cristo" pág. 68. O Senhor não exige de maneira nenhuma que Lhe entreguemos o que temos de melhor. Ele deseja a nossa prosperidade, a nossa felicidade, o nosso bem-estar físico, a nossa alegria. Ele deseja que tenhamos uma vida feliz.

Alguns pensam que a prática do cristianismo predispõe a uma tristeza crônica. Na realidade, os jovens Adventistas do 7º Dia deveriam ser as pessoas mais felizes do mundo. Tudo o que esta Terra pode oferecer de bom e de belo pode pertencer-lhes acrescido ainda da alegre certeza de saber que os seus pecados estão perdoados, da esperança de viver um dia na nova terra isenta, dos males que têm arruinado a nossa, e, enfim, da incomparável alegria de dar a conhecer, em seu redor, a esperança da salvação.

Quando se manifestou uma grave epidemia de poliomielite num bairro de Hinsdale, uma grande cidade de Illinois (E. U. A.), o nosso hospital ficou imediatamente cheio de pacientes atacados deste terrível mal. Assim que os piores sintomas acusavam um retrocesso, os doentes eram mandados para casa, para poderem dar lugar a outros. Foi assim que uma menina de doze anos deixou o hospital sem estar completamente restabelecida. Duas enfermeiras nossas decidiram então vir em auxílio desta criança. Quando não estavam de serviço, dirigiam-se ao domicílio da pequena e, com tratamentos apro-

priados, acompanhados de exercícios de reeducação, conseguiram restituir-lhe o uso das pernas.

Uma tal dedicação — as duas jovens enfermeiras realizaram um serviço perfeitamente afectuoso e desinteressado — não passou despercebida. A notícia espalhou-se por toda aquela localidade. Deste modo quando se impôs a necessidade de reconstruir o hospital para que pudesse corresponder às normas impostas e responder de futuro às necessidades locais, afluíram fundos de todo o distrito.

Mas a história não acaba aqui. Alguns anos depois destes acontecimentos, um grande inventor americano, que era também um filantropo, morreu num outro estado da União. Quando abriram o testamento, viram que ele fizera uma doação para a fundação dum centro médico no estado onde vivera. O filho, designado como testamenteiro, conhecia muito bem o nosso hospital porque vivia num bairro vizinho. Utilizando os fundos previstos conforme o desejo do defunto, mandou edificar, em Ohio, um grande hospital moderno, e pediu-nos para tomar a sua direcção. Esta fundação é uma instituição de primeira categoria. Foi mesmo elaborado neste hospital um programa para a formação de estudantes em medicina. Nesta localidade formou-se uma importante igreja adventista. Os seus membros desfrutaram duma ocasião única para dar graças à Providência divina. O ouro e a prata pertencem a Deus (Ageu 2:8), e o Senhor faz com eles como Lhe apraz. Termina aqui a história da fundação Charles Kettering, centro médico edificado em Dayton no Ohio. Que magnífica homenagem rendida ao espírito de consagração manifestado por duas modestas enfermeiras!

UMA JUVENTUDE CONSAGRADA

Imensas necessidades aguardam os jovens decididos a trabalhar para Deus. O que é que nos faz mais falta? Não é o dinheiro, apesar do seu valor na realização dos nossos projectos. Também não são as instituições ou os edifícios, ainda que o progresso da nossa obra dependa parcialmente do seu número. Aquilo de que sentimos dolorosamente a falta, é exactamente de rapazes aptos e consagrados, de jovens animados de zelo e de firme decisão para terminar a obra de Deus nesta geração.

Um dia chegou ao nosso escritório da União, em Nova Deli, na Índia, uma chamada telefónica de longa distância. Era da parte de um casal de jovens missionários que pediam permissão para levar para a montanha, para longe do terrível calor da planície, o seu único filhinho, um bebé que acabava de ter mais de uma centena de convulsões, no espaço de vinte e quatro horas. A permissão foi concedida e algumas horas depois o carro da missão transpunha as primeiras colinas. Mas a criança não melhorou. Um profundo exame revelou um abcesso no cérebro. Foi necessário praticar uma trepanação e administrar antibióticos.

Alguns meses depois, novas radiografias revelaram que a caixa craniana, ao desenvolver-se, fazia pressão sobre o cérebro. Os pais e o bebê tomaram o primeiro avião para os Estados Unidos. No dia seguinte, um telegrama chegava à Missão para dar a notícia de que a menina morreria na mesa de operação. Enviou-se imediatamente um telegrama e uma carta de simpatia aos desditosos pais. Propôs-se-lhes o repatriamento definitivo, se o desejassem ou umas férias, se bem que eles ainda não tivessem direito a elas, para os ajudar a recompôr-se do

seu grande desgosto. A resposta chegou na volta do correio: "Estamos muito tristes, mas sentimos que a Índia necessita de nós. Não queremos o repatriamento, nem o gozo de férias. Se o permitirdes, regressaremos ao nosso posto assim que recebamos a vossa aprovação." E retomaram o seu trabalho na Índia. Era em 1951. Eles ainda lá se encontram!

Jovens, que Deus ponha nos vossos corações a vontade necessária para vos entregardes a Ele e a força para vos tornardes homens e mulheres activos no Seu serviço.

Terça-feira, 19 de Março de 1968

O CONHECIMENTO DE DEUS

George Brown



"E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste." João 17:3

NINGUÉM me contradirá se eu afirmar que o nosso século é, por definição, o século do Conhecimento, o século dum progresso científico sem precedente, o que confirma admiravelmente a profecia de Daniel 12:4.

Mas — e quanto se torna assustador! — esta geração sedenta de ciência e sem cessar em busca de novas realizações, dispensa tão pouca atenção ao conhecimento por excelência, aquele sem o qual todos os outros são efémeros, o conhecimento de Deus e de Seu Filho, Jesus Cristo. Essa ciência transcende todas as tentativas humanas que visam penetrar os segredos do universo. Ela conduz, como Jesus afirmou claramente, à possessão da vida eterna, quer dizer, a qualquer coisa tão prodigiosa, tão miraculosa, que toda a ciência humana não passa de um simples brinquedo de criança.

Limitar o conhecimento de Deus a alguns pontos de doutrina constituiria um erro magistral. Pretender explicar Deus pelos nossos meios humanos seria outro. O conhecimento de Deus deve ser uma experiência diferente, um acto da alma e da consciência. Se a prática da religião assentar sobre simples convicções intelectuais, permanecerá estéril e sem eficácia. Mas chegar a uma relação directa, íntima com Deus, fazer a constatação diária da presença de Deus na nossa vida, é uma experiência estranha e maravilhosa. É conhecer um entusiasmo, um dinamismo estranhos à vida física. A Senhora White exprime-o deste modo: "Cristo fica sem valor para nós, se O não conhecermos como Salvador pessoal." — "O Desejado de Todas as Nações," pág. 288.

Jesus declara-o formalmente: "A vida eterna é esta: que Te conheçam..." O apóstolo Paulo, que podia vangloriar-se de pertencer ao escol intelectual e social do seu tempo, considerou todas estas satisfações mundanas como desprezíveis (como uma perda, como esterco), comparadas à "excelência do conhecimento de Cristo Jesus" e à "virtude da Sua ressurreição." (Fil. 3:8-10).

Debruçar-se sobre o problema de Deus para o discernir à maneira dum estudante de cristologia permite, por certo, obter noções mais precisas sobre os principais ensinamentos da Palavra de Deus. Mas o seu estudo torna-se árido para quem se prenda ao seu aspecto puramente intelectual. Porque nada poderia substituir este conhecimento de Deus que se transforma numa comunhão pessoal e permanente. Que importa então se ele apresenta lacunas quanto ao conhecimento puro, o do espírito! Posso eu este conhecimento base de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo sem o qual todos os outros são vãos? Aqui está a questão.

O REMÉDIO PARA OS NOSSOS MALES

Apenas um conhecimento de Deus que seja santificante e salvador pode ser considerado como válido. Ele manifestar-se-á no indivíduo, pela vontade de viver daí em diante para Cristo (quer dizer, seguindo o Seu exemplo), pela necessidade de dar a conhecer a bondade de Deus e pelo profundo desejo de ver Jesus voltar em breve.

O homem do século XX é apanhado numa espécie de furacão. Como ouviria ele ainda a voz de Deus? O mundo moderno parece-se, cada vez mais, com um estabelecimento psiquiátrico onde se encontrariam todas as formas de aberrações mentais. Que cérebro se pode considerar isento de distorção quando tudo

procura falsear o seu julgamento e enganá-lo com uma confusão de ideias errôneas a tal ponto que ele não encontra mais nada de sólido em que se firmar?

Não é grotesco que, com toda a luz de que se vangloria a nossa geração, ela ainda procure às cegas, na escuridão, um remédio para os seus temores? Este mundo tão vaidoso pelas suas realizações sob o aspecto científico oferece cada vez mais a imagem duma irremediável confusão. As vozes misturam-se sem se ouvirem. E cada um, nesta algazarra ensurdecidora, apenas se apercebe do eco enfraquecido das suas próprias recriminações.

Mas, Deus! Quem pois pensa encontrar n'Ele o seu refúgio? Contudo cedo ou tarde todos chegaremos à conclusão deste facto inegável: nada substitui Deus.

Bem no fundo, nas profundezas do seu subconsciente, o homem procura freneticamente um remédio para a sua perturbação, uma resposta para as suas aspirações. E não encontra nada, porque escolheu ignorar que só em Deus está a plenitude que ele aspira. Aquilo de que o homem tem necessidade é de Deus e não de dinheiro; de paz, não de prosperidade material; de perdão, não de popularidade! "... Sem Mim nada podeis fazer" disse Jesus.

○ QUE SE GANHA EM CONHECER DEUS

Existirão índices que permitam avaliar se uma dada pessoa possui o verdadeiro conhecimento de Deus? Certamente! Vamos apresentar-vos três, a título de exemplo:

Primeiramente, aquele que conhece a Deus aprende d'Ele o amor (I João 4:7-9). O amor é, com efeito, a primeira das virtudes cristãs. A sua presença constitui, em si, a prova indiscutível de que existe entre o indivíduo e Deus uma relação válida. O apóstolo João define muito bem a relação existente entre o novo nascimento e o amor inspirado por Deus: ninguém pode conhecer Deus sem O amar e ninguém pode amá-l'O sem ser transformado à Sua semelhança. A contemplação do divino realiza este milagre. Mas seria absurdo confundir esta forma de amor — que não é mais do que um princípio divino dominando a vida do filho de Deus — com um banal e passivo sentimentalismo.

O amor é aliás bem mais do que um atributo divino. É em suma, a própria substância da natureza divina: "Deus é amor," declara o apóstolo João (I João 4:8).

Admirar-se-á ainda alguém de ver os que vivem em Deus manifestar, no seu comportamento, um pouco deste amor? Um tal amor paira muito acima dos preconceitos humanos. Para ele não existem barreiras, discriminações sociais ou raciais. É universal e sem limites, ultrapassa tudo o que o homem pode conceber, subsiste perpétuamente sem nunca enfraquecer, em poucas palavras, é divino e inefável.

O crente que abriga no seu coração uma centelha deste amor, amará daí em diante os seus irmãos de tal maneira que nenhum sacrifício lhe parecerá demasiado pesado, nenhum risco demasiado grande para levar, também a eles, ao conhecimento da graça em Jesus. "O amor de Cristo nos constrange..." dizia o apóstolo Paulo (II Cor. 5:14), definindo assim admiravelmente a atitude do cristão transformado pelo amor.

Em segundo lugar, desde que uma pessoa possui este conhecimento de Deus, conforma-se sem dificuldade, por amor, com a santa vontade do Senhor. "Aquele que diz: Eu conheço-O, e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a Sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado." (I João 2:4-6). Em toda esta passagem, o apóstolo João acentua a relação directa, automática poder-se-ia dizer, que se estabelece entre o conhecimento de Deus, gerador do amor, e a obediência a Deus.

O conhecimento de Deus, tal como é salientado no texto, consiste numa adesão tão total aos ensinamentos de Cristo, que produz obrigatoriamente uma submissão perfeita à vontade de Deus. Quanto mais se aprofunda este conhecimento, mais fácil se torna a obediência. Em vez de ser temporária, caprichosa, inconstante, a obediência torna-se uma regra absoluta de vida.

E quais são os domínios abrangidos por esta obediência? Todos o são, indiscutivelmente, quer se trate das nossas palavras ou do nosso comportamento. Quando amamos a Jesus, não desejaremos assemelhar-nos a Ele? Todo aquele que lealmente tenta este esforço transformar-se-á pouco a pouco à imagem do Mestre.

"Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens," dizia Jesus a fim de pôr em evidência a necessidade de oferecer ao mundo um exemplo infalível da verdadeira piedade. E acrescentava: "para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus." (Mat. 5:16). Compreendeis quão pesada é a vossa responsabilidade? O Evangelho deve ser pregado ao mundo. E sê-lo-á, como é evidente, pelas novas gerações. O mundo deve aprender que Deus tem o poder de salvar. Mas não é a apregoar esta verdade às pessoas que as convencereis da urgência que há em voltar para Deus. O homem da rua permanece a maior parte das vezes indiferente aos problemas religiosos. O que o impressiona, é um comportamento, uma maneira de viver, numa palavra, a força do exemplo. Se conhecer Deus é amá-l'O e se amá-l'O é ser levado a obedecer-Lhe, esta obediência levar-nos-á obrigatoriamente a dar ao mundo o exemplo duma piedade exemplar, tal como o modelo que nos é apresentado na pessoa de Jesus.

O conhecimento, como vedes, leva à acção.

Em terceiro lugar, O conhecimento de Deus produz ainda um outro resultado muito significativo: desenvolve a força moral e fortalece a vocação espiritual.

Eis o que agrada aos jovens: ser forte e preparar-se para realizar proezas, para Deus. Toda a História Bíblica está assinalada de exemplos inspirados nesta palavra. Quer se trate de Moisés, de José, de Daniel ou de Ester, encontra-se em todos, no tempo da sua juventude, a força, a sabedoria, a inteligência, a beleza, a obediência. E todos confirmaram, pelas suas façanhas, a autenticidade da sua vocação. Poderíamos mencionar igualmente J. N. Andrews, James White e Desmond Doss para mostrar que esta força se encontra à disposição dos jovens de todos os tempos e que os incita sempre a acções extraordinárias.

A grandeza da alma e a firmeza espiritual que resultam do verdadeiro conhecimento de Deus fazem-se acompanhar muitas vezes de audácia na execução dos planos referentes ao reino de Deus. Um conhecimento superficial e teórico ao longo da História, as maravilhosas bênçãos da Providência divina, e mais particularmente as admiráveis dispensações relativas à salvação — o dom do Filho Unigénito, a Sua posição de mediador —, não pode mais conformar-se em ser um homem vulgar ligado aos interesses medíocres. Este jovem terá de futuro uma visão mais ampla que muito excederá os limites da Terra. A vocação obriga! Desde então, é o excepcional que se torna o seu ambiente mais habitual. E o que realiza é sempre notável.

Os homens de Deus sempre foram homens de acção. O conhecimento de Deus jamais produz a

passividade, a estagnação. A religião cristã é uma doutrina cheia de poder e de fogo, pronta a lutar contra todas as formas de pecado, pronta também a derrubar os obstáculos que procuram estorvar o seu avanço.

Cada homem, cada mulher, cada jovem que conhece realmente Deus tem uma obra a realizar. Quando Deus chama um obreiro, é porque este tem para Ele uma obra designada. E a primeira ocupação que se impõe àquele que conhece a Deus, não será convidar outras pessoas para desfrutar os benefícios deste conhecimento? O cristão não pode desperdiçar o seu tempo na ociosidade ou na preguiça, enquanto tantos homens morrem na ignorância e no pecado.

Jovens adventistas, a triste situação na qual o mundo mergulha lança-vos um perpétuo desafio. Deveis levantar-vos e dizer: "Eis-me aqui, envia-me a mim!" Porque a vossa responsabilidade é advertir o mundo. Em breve, cairá o último crepúsculo e "as trevas cobrirão a terra..."

Mas estais prontos a assumir esta responsabilidade? Tendes objecções a fazer como: Conheço eu a Deus — e a Seu Filho Jesus Cristo — suficientemente para pregar a Sua Palavra? Andarei eu ainda nos passos de Jesus? ... Mas lembrai-vos de que no conhecimento descobri-se a força. E que "conhecer Deus e Jesus Cristo," e "possuir a vida" são apenas uma única e mesma coisa.

Quarta-feira, 20 de Março de 1968

A PROVA DO VERDADEIRO DISCÍPULO



Leslie Hardinge

ERA NUMA rua tranquila de Gauhati, na Índia. Observei os dois, o homem idoso e o seu jovem acólito que era, excepto na idade, a cópia exacta daquele que o acompanhava: a mesma túnica comprida de tecido de algodão amarelo-açafrão, o mesmo rolo de cabelo atado caído sobre a nuca, o mesmo cajado grosseiramente talhado, as mesmas sandálias.

Discretamente, procurei informar-me. Apreendi assim que, por esta imitação servil, o jovem esperava adquirir as virtudes do mais idoso, do qual ele se tornara discípulo. Adoptara todos os hábitos do seu modelo, alimentava-se de maneira idêntica e aproveitava da sua experiência. Moldava sob todos os aspectos a sua vontade e as suas inclinações ao ideal que havia escolhido. Por este facto abandonara os seus e a sua casa. Representava mesmo o modelo de discípulo.

O discípulo é aquele "que estuda sob a orientação dum mestre," quer se trate dum mestre em religião ou em filosofia. Mas não se contenta em ser um estudante. Faz mais do que aprender, participa verdadeiramente, em todas as coisas, na vida do Mestre.

Na manhã da ressurreição, quando o anjo apareceu às santas mulheres, deu-lhes a ordem de ir anunciar "aos discípulos e a Pedro" (Marcos 16:7) que Aquele que julgavam morto estava vivo. Só os verdadeiros discípulos podiam compreender o sentido desta ressurreição.

Dirigindo-se um dia a judeus que creram n'Ele, Jesus expôs-lhes o que esperava deles: "Se vós permanecerdes na Minha Palavra, verdadeiramente sereis Meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8:31, 32). O livro dos Actos conta-nos que, em Antioquia, os recém-convertidos se aplica-

vam tão meticulosamente a praticar a religião de Cristo que lhes chamaram "cristãos" (quer dizer: de Cristo. — Actos 11:26). Qual de nós ousaria gabar-se de dar um testemunho tão excelente?

Quais eram as condições impostas àqueles a quem Jesus chamava para serem seus discípulos? Segundo os Evangelhos, parece que se podem assinalar três exigências essenciais. Numa determinada ocasião, Jesus declarou: "Se alguém vier a Mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo." (Lucas 14:26). O verbo "aborrecer" toma aqui um sentido relativo e não absoluto. Significa "amar menos," devendo os discípulos ter como objecto supremo das suas afeições o próprio Senhor. Dado a missão que teriam a realizar aquelas a quem Cristo escolheu, nenhuma afeição humana deveria vir estorvar a sua vocação.

LEVAR A SUA CRUZ

Algum tempo depois, Jesus convidou os que O ouviam, a sondar o seu próprio coração e a analisar as suas secretas aspirações, a fim de verificar se, sim ou não, o seu eu reinava ainda como mestre. E disse-lhes: "E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após Mim, não pode ser Meu discípulo." (Lucas 14:27). A cruz era o símbolo da crucifixão, da morte. Isso subentendia que o discípulo devia subjugar o seu eu, de maneira que a sua vontade pudesse harmonizar-se com a do seu Mestre.

Enfim, Jesus levou o pensamento dos Seus auditores para as possessões materiais. Muito frequentemente as preocupações materiais absorvem o nosso tempo e ocupam na nossa vida um lugar excessivo. Jesus nos ordena afastar estes obstáculos, desligar-nos de tudo o que ainda nos detém, a fim de ficarmos inteiramente disponíveis para Ele.

Preenchendo o discípulo na sua vida estas três condições: a renúncia às afeições demasiado exclusivas, a submissão do eu à vontade do Mestre e o desprendimento dos bens deste mundo pode aceitar sem dissimulação a disciplina que lhe é imposta pelo Seu Senhor. A subida para o ideal está iniciada.

O NOVO NASCIMENTO

A questão que se apresenta agora é de saber como nos tornamos discípulos. Jesus indicou-o a Nicodemos: é necessário passar pelo novo nascimento (João 3:3). O apóstolo Paulo exprime-o por outras palavras "se alguém está em Cristo, nova criatura é" (II Cor. 5:17). Quanto a Saul, filho de Kis, primeiro rei de Israel, a Bíblia diz-nos que "Deus lhe mudou o coração em outro" (I Sam. 10:9). Estes textos insistem todos sobre a necessidade duma mudança radical. O discípulo deve abandonar o seu velho eu e voltar, para junto do Mestre, como uma criancinha iniciando a sua partida para a vida.

Mas, como Nicodemos, não compreendemos muito bem por que processo misterioso pode o nosso coração ser mudado. E é ainda Jesus, neste mesmo contacto com Nicodemos, que nos dá a explicação: esta transformação real, constatada na vida prática, faz-se pela intervenção do Espírito Santo. Como o vento, este Espírito sopra onde quer. Mas não produz som e não é visível. Apenas podemos constatar os Seus efeitos. Aquele em quem habita este Espírito não poderá precisar o momento em que o recebeu, nem a natureza do que transformou a sua vida. Mas o facto lá está, indiscutível, perceptível para ele próprio, visível para os que o rodeiam.

Esta transformação depende contudo dum elemento humano do qual não deveremos minimizar valor; trata-se da vontade do discípulo. É por uma escolha livremente feita que este se porá aos pés de Jesus para assimilar os Seus ensinamentos. Então, do mesmo modo como o afirma o apóstolo Paulo, "nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." (II Cor. 5:17).

O jovem cristão deve portanto escolher deliberadamente seguir a Cristo e ter o cuidado constante de não se afastar do bom caminho. O apóstolo Paulo dá preciosos conselhos a este respeito: "Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra." (Col. 3:2, 3). "Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra" (v. 5), por outras palavras, todas as más tendências que trariam sobre vós a ira de Deus. E o apóstolo, para mais precaução, dá-nos a lista dos principais pecados que devemos combater: "Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros..." (v. 8, 9). Abandonados às nossas próprias forças, não poderíamos obter essa vitória. Mas com o Espírito de Deus em nós, tudo se nos torna fácil.

QUEM POSSUI O NOSSO CORAÇÃO

Quem possui o nosso coração? Com quem estão os nossos pensamentos? De quem gostamos de falar? Quem é o objecto de nossas mais ardentes afeições e de nossas melhores energias? Se formos de Cristo, os nossos pensamentos estarão com Ele, e n'Ele se concentrarão as mais doces emoções. Tudo que temos e somos Lhe será consagrado. Desejaremos vivamente reproduzir Sua imagem, possuir Seu Espírito, fazer Sua vontade e agradar-lhe em todas as coisas." — "Aos Pés de Cristo," pág. 61.

O verdadeiro discípulo de Cristo deve ser o vivo reflexo de seu Mestre. O apóstolo Paulo dizia: "... Somos feitos espectáculo ao mundo." (I Cor. 4:9). É também o nosso caso. Pensai num actor. Quando ele aceita um papel, deve identificar-se o melhor que puder com o seu personagem e esforçar-se, pela sua mímica, sua entoação, seus gestos, suas atitudes, seu comportamento em geral, por restituir, o mais fielmente possível, a aparência e o carácter. Para

o "espectáculo" que temos a dar, tudo isso seria ainda insuficiente. Jesus é para nós bem mais que o maior herói da História. Para tanto como assemelharmo-nos a Ele — ainda que muito imperfeitamente — necessitamos deixar-nos penetrar de tudo o que, de perto ou de longe, se relacione com Ele. Estudar a Sua vida, segui-l'O passo a passo através da Judeia ou de Samaria, assimilar os Seus ensinamentos, abranger a Sua mais alta significação, inspirar-nos na Sua maneira de agir e de falar, esforçar-nos enfim por nos identificar com Ele em toda a profundidade do nosso amor. Um bom actor apaga-se diante do seu personagem. Não empresta as suas próprias particularidades ao herói que encarna. Pelo contrário, funde-se na personalidade do outro, e torna-se este outro durante o tempo da representação. O verdadeiro discípulo sabe o admirável Mestre que tem em Jesus Cristo. Ele ama, ele venera esse Mestre bem-amado. Deve pois apagar o seu eu, deve mortificá-lo, para permitir a Jesus ocupar nele todo o lugar. Deve inspirar-se dia após dia no exemplo do Mestre, deve impregnar-se da imagem do Herói ao qual deseja assemelhar-se. "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus..." insiste o apóstolo Paulo. (Fil. 2:5).

É CRISTO QUEM VIVE EM MIM

Mas para que esta imitação atinja o seu mais alto grau de perfeição, é necessário ainda a intervenção permanente do Espírito Santo. Este Espírito guia e fortifica. É Ele que nos fará descobrir, nas Escrituras, qual é a linha a seguir ponto por ponto.

"Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim," disse Jesus. (Mat. 11:29). O jugo de madeira utilizado pelos Israelitas não deveria diferir muito do jugo palestino actual. Era, essencialmente, uma barra transversal munida de longas cavilhas pregadas verticalmente para cercar o pescoço dos bois, dos burros ou dos cavalos que o levavam. (Segundo W. Corswant, "Dict. d'Archéol. biblique," art. "Jugo.") O jugo não era de maneira nenhuma um instrumento de tortura; foi feito para se assemelhar às mãos do condutor, com todo o vigor duma atrelagem. Qual é pois este jugo ao qual Cristo faz alusão? É o instrumento por excelência que, firmemente mantido pela mão de Deus, nos coloca em estado de realizar um serviço eficaz, por outras palavras, a santa LEI de Deus, os Dez Mandamentos. Jesus, aliás, alivia antecipadamente a nossa preocupação: "Porque o Meu jugo é suave (não fere) e o Meu fardo é leve." (Mat. 11:30). O Espírito Santo encarregar-Se-á de marcar esta Lei na nossa memória e no nosso coração. E esta obrigação de obedecer que nos arrancava não há muito, queixumes e recriminações, tornar-se-á uma coisa fácil porque terá o amor como móbil.

"Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste procedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma Se identificará com os nossos pensamentos e ideias, dirigirá o

nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo os nossos próprios impulsos... Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, a nossa vida será de contínua obediência." (O Desejado de Todas as Nações, pág. 498). Quando circular em nós, varas, a seiva da verdadeira Videira, poderemos dizer com David: "Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus meu; sim, a Tua lei está dentro do meu coração." (Salmos 40:8).

Resumamos brevemente o processo que fará de nós discípulos de Cristo:

— Primeiro, tomar consciência do nosso pecado. É já obra do Espírito. Ninguém pode percorrer os Evangelhos sem entrever o ideal que animava Jesus e sem sentir, com angústia, o quanto se encontra ainda afastado d'Ele. Sem Cristo, estamos irremediavelmente perdidos!

— Segundo, a consciência perturbada, aspira a qualquer coisa de mais elevado. Então intervém a vontade de conformar a sua vida com o ideal previsto, tirar de cima das costas o pobre farrapo sujo e roto da nossa existência terrena.

— Terceiro, o eu, penetrado pelo Espírito, submete-se sem reserva ao amor de Jesus. Desde então, produz-se como que uma manifestação repentina de vida e tudo é renovado: as aspirações, os gostos, a direcção a tomar. A alma encontra unidade em Cristo que se torna o seu centro radioso. E, como não são alimentados, os antigos sentimentos detestáveis — o orgulho, o egoísmo, a maldade, — morrem pouco a pouco de inanição.

A FÉ

Existe no entanto um elemento até aqui conservado no silêncio, que é indispensável ao êxito de toda e qualquer operação: a fé, que é "um dom de Deus" (Efés. 2:8). A fé constituía a força vivificante do ministério de Jesus. Foi ela que o susteve nas horas graves ou trágicas da Sua existência terrestre: Essa fé não possui nada de comum com a simples convicção intelectual. O apóstolo Tiago demonstra-o perfeitamente: "Tu crês que há um só Deus, fazes bem. Também os demónios os crêem, e estremezem." (Tiago 2:19) — eles crêem mas não têm fé! "A fé" — a que opera por amor, e que purifica a alma não é uma simples adesão à Palavra de Deus; é uma entrega completa, entre as mãos do Salvador, do nosso coração e de todas as suas afeições. É por meio desta fé que a alma é transformada à imagem de Deus. — "Aos Pés de Cristo," pág. 67 e 68.

A fé é a resposta do discípulo ao oferecimento que lhe é feito da vida eterna por Jesus Cristo. Compreendendo enfim o que é Cristo, o que Ele já fez por nós e o que continua a fazer, o pecador deve lançar-se de joelhos aos pés da cruz exclamando: "Senhor, cheio de compaixão e de graça, eu entrego-me a Ti completamente, sem reservas." Começa então a vida em Deus, quer dizer, a mais exaltante, a mais maravilhosa

sa das experiências que um ser humano pode ter. O homem deixa de confiar em si próprio para colocar todas as coisas entre as mãos de Deus.

Assim começa o lento trabalho da regeneração. A visão vivificante deste Jesus tão cheio de fé e de poder, que liga tanta simplicidade a tanta grandeza, comove profundamente o que se detém a contemplá-la. E quanto mais aumenta em nós este amor por Cristo, mais tomamos consciência da nossa deformidade moral. Então desejaremos ardentemente romper com o mal e viver com Jesus, nas alturas. "Será flagrante o contraste entre o que se foi e o que se é. (Aos Pés de Cristo, pág. 61)". Isso não quer dizer que não haverá mais queda ocasional. No entanto a tendência geral das aspirações e das manifestações do carácter orientar-se-á doravante em direcção ao Belo e ao Bem.

Nada ilustra melhor esta regeneração do coração do que a história autêntica por Ferne I. Ellingworth ("Guide," 19 oct. 1966):

Maman Marita e seu marido foram baptizados na Missão do Tanganica (a actual Tanzânia). Durante um certo tempo, tudo foi bem. Depois, o marido começou a fumar e a beber; proibiu a sua esposa de ir à igreja e como ela não tinha em conta esta proibição, começou a bater-lhe. Quis obrigá-la a fabricar-lhe cerveja. Como ela recusasse, maltratou-a. Queimou-lhe a Bíblia e escondeu-lhe a roupa para que ela fosse obrigada a ficar em casa. Mas, cristã convicta, ela recusava-se a abandonar o seu Deus.

Uma noite, quando ela, desalentada, errava pelo mato, pareceu-lhe ouvir cânticos maravilhosos e a voz do Senhor lembrando-lhe tudo o

que tinha sofrido por ela. "E tu, que tens sofrido por Mim?" perguntou Ele.

Fortalecida por esta espécie de visão, voltou para casa para se encontrar a braços com uma nova prova, pior que todas aquelas pelas quais passara até então: o marido tinha tomado uma segunda esposa e tinha-a adornado com todas as belas roupas oferecidas pelos missionários. Um outro dia, ficou possuído dum tal ódio contra Marita que lhe bateu selvaticamente com o pesado almofariz no qual pilavam o milho. Quando esgotou a cólera parou, mas a pobre mulher jazia totalmente inconsciente, com a anca deslocada e a coluna vertebral em muito mau estado. Temendo possíveis consequências do seu acto de selvajaria, o marido atou também uma corda ao pescoço da sua mulher para sugerir a ideia de um suicídio.

As crianças aterrorizadas correram a advertir os missionários. A pobre mulher foi conduzida com urgência ao hospital mais próximo, depois, de lá, transportada para Nairobi onde cirurgiões competentes a tomaram ao seu cuidado. Várias intervenções cirúrgicas muito delicadas e quatro anos de cama acompanhados dos ternos cuidados de enfermeiras e médicos e duma firme vontade de viver, permitiram um restabelecimento inesperado. Assim que a pobre mulher ficou em estado de andar um pouco, dirigiu-se a coxear à igreja mais próxima, para orar pelo marido que quisera matá-la e quase o conseguira.

Aquela mulher provou deste modo a profundidade do seu cristianismo. São assim os verdadeiros discípulos: a sua religião não consiste apenas em palavras mas traduz-se por actos.

Quinta-feira, 21 de Março de 1968

O PRIVILÉGIO DA ORAÇÃO

N. R. Dower

ALGUÉM perguntava ultimamente a um evangelista mundialmente conhecido o que pensava acerca da singular afirmação dum certo teólogo, o qual pretendia que Deus estava morto. O evangelista fez uma cara de piedade e declarou: "Eu sei que Deus está vivo. Falei com Ele esta manhã."

De quando data a vossa última conversação com Deus?

- Eu quero dizer uma verdadeira conversação, de coração aberto, como com um amigo, uma comunhão íntima e pessoal? Já vos aconteceu

mesmo alguma vez manter com Cristo um contacto tão estreito, tão rico, que tivésseis pressa de pôr de parte os afazeres quotidianos para vos encontrardes a sós com Ele?

Se Deus está vivo e se essa é a vossa convicção absoluta, então porque procedeis como se Ele o não estivesse? Porque razão não o considerais como uma Pessoa viva? A irreflexão com a qual considerais as vossas relações com o Senhor Jesus deve ferir dolorosamente o Seu coração transbordante de amor, que apenas espera um sinal da vossa parte para vos tornar a vida radiante.



Estamos de tal maneira limitados a nós próprios que negligenciamos pensar em Deus. Fazemos projectos como se pudéssemos escolher a eternidade e enchemo-nos de conhecimentos como se o essencial fosse não nos deixar distanciar nesta perpétua competição em que se transformou a vida moderna. Pensamos poder agir à nossa vontade como se não dependêssemos de Deus nem das outras pessoas. Que tremendo erro! De facto ninguém vive por si mesmo. Quer queiramos quer não, as nossas palavras e actos formam ao nosso redor ondas concêntricas que se vão ampliando até às extremidades do mundo. Porque todos dependemos uns dos outros. E ninguém entre nós pode esperar escapar ao amor ou à ira de Deus.

Podemos obter algumas comparações interessantes entre a nossa existência em relação a Deus e o que se passa no decorrer de uma exploração espacial. Os cosmonautas, durante o tempo das suas revoluções em torno do planeta permanecem em íntimo contacto com os observadores da Terra, espalhados pelos diversos pontos do globo. A ligação é praticamente ininterrupta. A cada instante, alguém, de qualquer parte da Terra, sabe quais as condições físicas dos homens encerrados nas cápsulas e o que estão a fazer. As equipas na Terra contam escrupulosamente o número das suas pulsações, a sua temperatura, o ritmo respiratório; controlam os seus hábitos alimentares — quantidade de alimento ou de líquido ingerido, etc. — o número de horas consagradas ao repouso e ao sono. Nada do que fazem os astronautas — e até mesmo as suas graças — é considerado como insignificante ou como destituído de importância. Os observadores esforçam-se por captar cada palavra das mensagens que lhes chegam e insistem para que os ocupantes da nave espacial falem de coração aberto, sem nada ocultar acerca do que sentem. A comunicação entre eles e a cabine espacial é tão constante e total quanto possível. Isto em primeiro lugar pelo interesse humano em relação aos cosmonautas, pela preocupação de os reaver sãos e salvos da sua viagem orbital, mas também sob um aspecto mais estritamente experimental, no interesse da pura ciência.

Talvez agora possais compreender um pouco melhor, a natureza do interesse que Deus dispensa por cada um de vós. Representais o elemento mais importante do plano que Deus está pondo em execução para restabelecer no universo a unidade e a paz transtornadas pela revolta de Satanás e dos seus anjos. O Senhor sabe como a orientação dos vossos pensamentos, a insistência para a realização de alguns projectos, o êxito ou o fracasso dos vossos empreendimentos pode exercer influência nas vossas decisões essenciais. E porque Ele vos ama e quer salvar-vos, interessa-Se intensamente por tudo o que dizeis ou fazeis, pelos vossos próprios pensamentos, pelas vossas mais profundas intensões que dão origem às acções.

Jovens, o Senhor não olha com indiferença os arriscados combates que se travam no vosso coração. Nem uma só que seja das vossas alegrias, nem uma das vossas lágrimas, nem uma das vossas decepções O deixam insensível. Tudo o que se relaciona convosco — o prazer que vos fez corar o rosto, o choque emocional que, por um momento, vos cortou a respiração e fez bater precipitadamente o coração, a angústia que vos oprimiu o peito, o receio que transparecia no vosso olhar, as excitações que vos atacaram os nervos, os ímpetos de entusiasmo, os momentos de depressão ou de ira — tudo isso Deus conhece, muito mais infinitamente do que vós podeis supor.

Porque Jesus Cristo não é apenas o mais firme Amigo e o melhor Conselheiro. Ele é também um Guia e um Salvador capaz de compreender as vossas falhas e de vos reconduzir ao caminho do Bem. Ele sabe por experiência própria de que seduções se compõe a tentação. Por isso, Ele fará repousar sobre vós a Sua protecção mesmo até para além daquilo que Lhe pedis. E não permitirá jamais que sejais tentados além das vossas forças. Mas, se rejeitardes a Deus, se os vossos contactos com Ele forem inexistentes, pô-l'O-eis na impossibilidade de exercer sobre vós a Sua influência santificadora. Se quiserdes a vida, permaneci em comunhão com Cristo.

Com efeito, esta comunhão depende de vós, e só de vós. Ele, está sempre pronto, sempre vigilante, presente no "posto de controle" e atento ao mínimo sinal de vida, da vossa parte; Ele "não está longe de cada um de nós..." declara o apóstolo Paulo (Actos 17:27). E não se trata de vigilância passiva. Ele lá está, pronto a salvar-nos numa situação perigosa. Mais ainda, Ele tem o poder — e o ardente desejo — de vos livrar dos perigos de que nem mesmo vós tendes consciência e está pronto a dar-vos um sinal de advertência no momento oportuno. Como explicar tanta magnanimidade? A Bíblia dá-nos a explicação: "... De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor." (Romanos 14:8).

MANTER O CONTACTO

Entre os perigos a que o cosmonauta está sujeito, há um terrível, ao qual deve conservar-se atento. Se ele não respeita as instruções, pode desviar-se, ele e a cápsula, do controle dos postos terrestres e ficar na impossibilidade de voltar à terra. O grande terror dos cosmonautas é pois não poder sair da órbita que lhes foi destinada. Esse risco é mesmo tão terrificante que ele acaba por pôr em segundo plano o outro receio, não menos justificável, de ver a cápsula espacial inflamar-se como um meteorito em seu redor em plena atmosfera.

Um filho de Deus não tem que duvidar de riscos deste género. Onde quer que nos encontremos no vasto universo, Deus nunca nos perde de vista. David já o afirmava com entusiasmo: "Se

subir ao céu, Tu aí estás... Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a Tua mão me guiará... Se disser: De certo que as trevas me encobrirão; então a noite será luz à roda de mim. Nem ainda as trevas me escondem de Ti." — Salmos 139:8-12.

É uma coisa maravilhosa, inconcebível, ver este Deus com poder fenomenal, ilimitado, rico em todo o conhecimento do universo, esforçar-se, com o coração transbordando de amor, renovar o contacto com as Suas criaturas que vivem neste mundo. Se o interesse que Ele lhes dedica fosse superficial e colectivo isso já constituiria um milagre. Ora, a realidade é ainda muito mais maravilhosa: Deus nos concidera a cada um individualmente como se não existisse mais ninguém à superfície da terra! Eis a razão porque Lhe não é estranho tudo o que possamos empreender, porque Ele toma tanto interesse nas mais banais circunstâncias nas quais possamos estar implicados e das quais poderá depender, finalmente, a orientação da nossa vida. Incessantemente, por diferentes meios, a maior parte das vezes sem nós darmos por isso — embora por vezes saibamos reconhecer a Sua intervenção, — o Senhor interpõe-Se para reparar uma situação, reprimir uma tendência, corrigir um carácter. Para nosso bem em primeiro lugar, evidentemente. Mas também para o êxito final do magistral plano que o Senhor concebeu para livrar a Terra da maldição do pecado e que consiste em restaurar no homem — este homem tão fraco em face das insinuações de Satanás para o mal! — a Sua imagem divina obliterada pelo pecado. As peripécias dramáticas desta extraordinária experiência mantêm todo o céu na expectativa.

A Senhora White, ao relatar uma das suas visões descreve o terno amor que Deus dedica aos que Lhe são fiéis. Todos os filhos de Deus têm o seu anjo da guarda que vela cuidadosamente por eles, protegendo-os de todo o mal. Se contudo a criatura recusa a protecção celeste, o anjo, contristado, retira-se e todo o céu participa na sua decepção. Mas sempre que o cristão, com os olhos postos na retribuição final, glorifica a Deus por hinos de louvor, todo o céu vibra em cânticos de alegria. — Cf. "Early Writtings," pág. 39.

Para o que crê, o êxito está garantido, a vitória assegurada. Escolher Cristo, é colocar-se ao lado do vencedor. Deus indicar-nos-á então a tarefa que nos reserva, quer se trate de alguma obra de valor a realizar ou de continuar alegremente nas nossas humildes actividades quotidianas — não importando tanto o trabalho em si, mas a influência que exercemos. No reino de Deus tudo é uma questão de fé e também de obediência. Se o servirmos fielmente, o Senhor abrir-nos-á as portas do Reino. É, de facto, o Seu maior desejo. "Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino," afirmava então Jesus (Lucas 12:32). Mais tarde, o apóstolo Paulo declara: "... o dom

gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor." (Rom.6:23).

Esta relação entre o filho de Deus feliz e o seu Senhor, é uma das mais maravilhosas que pode haver. Mas ela só poderá produzir plenamente os seus bons efeitos num contacto íntimo e diário. É necessário que o cristão aprenda a viver com Cristo a cada momento. Simples contactos ocasionais não seriam satisfatórios nem para ele nem para vós. Deveis-Lhe amor, fidelidade, reverência. Ele retribuir-vos-á Amor, Alegria e Protecção. Concedei-Lhe o primeiro lugar na intimidade e o primeiro também nas relações com as outras pessoas. Em recompensa, Ele será para vós o melhor dos guias e evitar-vos-á passos em falso. Ele vos proporcionará um contentamento tal, que, antes de o experimentardes, nunca poderíeis imaginar que fosse mesmo possível.

Mas, este Salvador, nós O entristecemos tão frequentemente! Em tantos lugares, distraídos pelo espectáculo do mundo que nos rodeia, deixamos de estar plenamente conscientes da Sua presença. Ele, pacientemente, espera que o nosso coração se disponha a reabrir-se à Sua doce influência.

O SIGNIFICADO DA ORAÇÃO

É unicamente na oração que este contacto com Cristo encontra a sua plena realização. A oração não consiste só em expor a Deus as petições do nosso pequeno coração dirigido para os seus desejos terrestres. É uma permuta, um diálogo no qual convém também escutar Deus, uma verdadeira comunhão. É necessário contar tudo a Deus embora Ele conheça, antecipadamente, o mais recôndito dos nossos pensamentos. E dizê-lo a sós com Ele, lançando para longe de nós tudo o que nos prende ao mundo exterior. Falando de Enoque acerca do qual a Bíblia afirma que ele "agradara a Deus" tão fielmente que Deus o arrebatou "para não ver a morte" (Heb. 11:5), um pastor deu a sua explicação do fenómeno: um dia, talvez ao anoitecer, o Senhor dirigindo-Se a Enoque ter-lhe-á dito: "Estamos mais perto da Minha Casa que da tua tenda. Porque não há-de vir habitar doravante comigo?" Aceitar o Senhor como Amigo, é viver de futuro com Ele e para Ele.

Mas atenção! Não coloquemos as vossas relações com Cristo num plano exageradamente sentimental: correríeis o risco de dar ao vosso amor o sentido duma contemplação mística. O próprio Jesus, nunca foi sonhador durante a Sua vida terrestre. Deus feito homem, Ele conservava de Deus a autoridade e o poder. Simples e recto, sendo ao mesmo tempo compreensivo, falava directamente para aqueles a quem desejava repreender. Não façais d'Ele um santo de cera sem utilidade para a vossa alma.

Posto isto, esforçai-vos por fazer d'Ele o íntimo companheiro de toda a vossa vida. Associai-O às vossas tristezas, às vossas vitórias assim como às derrotas. Dirigi-vos a Ele onde

quer que vos encontreis. Não declarou Ele: "Eu estou convosco todos os dias" — no estudo, no trabalho, nos campos de batalha, no hospital, na prisão mesmo, quer vos encontreis sobre o mar, nos ares ou sobre a terra firme — e isto "até ao fim do mundo". Abri-Lhe o vosso coração numa oração constante, uma oração que vá para além das palavras, que seja mais do que uma simples súplica . . . Ele e eu, juntos, sempre, sem que nada jamais, venha interpor-se como obstáculo.

É este o verdadeiro sentido, o auge da oração. Quer ela seja silenciosa ou pronunciada em alta voz, feita em meditação ou formulada

espontaneamente num momento de angústia, ela é antes de mais nada comunhão ou permuta: Jesus fala-me e, por minha vez, eu confio-Lhe as minhas esperanças, os meus projectos, o amor, a reverência que nutro por Ele. Consiste nisto o verdadeiro, o único significado da oração: o privilégio de conversar com Deus sem barreiras. Que importa neste caso as palavras a empregar! O amor de Cristo vos ditará as que Ele considerar convenientes. Porque convém sempre lembrarmo-nos de que estamos na presença do Senhor, do Deus poderoso, do admirável Salvador. Mas este Salvador é meu Amigo. Eu conheço-O. Eu sei que Ele vive. "Eu conversei com Ele esta manhã."

Sexta-feira, 22 de Março de 1968

O PLANO DE DEUS

Herbert Stoeger



MAXIME Gorki intitulou um dos seus livros "As Minhas Universidades," apesar de ele nunca ter na sua vida, frequentado uma universidade. As suas universidades, para ele, foram a rua e as habitações miseráveis dos grandes centros urbanos, em resumo, todos os lugares onde lhe foi permitido observar a luta dos pobres para ganharem o seu pão quotidiano, os seus esforços para a sobrevivência num mundo hostil.

Todos temos no pensamento tais "universidades" que não apresentam nenhum programa de estudos a seguir, e que não concedem afinal nenhum diploma. A educação que elas nos dão começa à nascença; e quando nos consideramos suficientemente capazes de decidir por nós mesmos a orientação a dar à nossa existência, apercebemo-nos de que o trabalho preliminar — e muitas vezes decisivo — já foi feito.

O carácter e os hábitos dum criança tomam a sua forma mais ou menos definitiva no decorrer dos seis primeiros anos — e, nalguns aspectos, no decorrer dos seis primeiros meses. Uma falta de amor ou a infelicidade dum lar sem alegria produzem, nesta idade, efeitos quase indelévels. Uma indulgência excessiva também tem inconvenientes. O bebé a quem tudo se permite será um homem que, por toda a sua vida, deverá lutar contra as suas tendências para o egocentrismo e a pretensão. Outro poderá sofrer dum complexo de inferioridade por ter sido demasiadamente repreendido na sua infância. Os exames psiquiátricos aos quais são submetidos geralmente os jovens delinquentes têm revelado que os erros observados remontam, na maioria dos casos, aos primeiros anos da infância.

Podemos deste modo citar numerosos factores que influem, num aspecto ou noutro, por toda a nossa existência: a atitude dos nossos professores para connosco, o comportamento dos nossos discípulos, a catadupa de recomendações que as mães pouco prudentes despejam sobre os seus filhos, as imagens e os sons que, de maneira permanente e clandestina, vêm impressionar o nosso subconsciente, os termos de linguagem que adoptamos, os preconceitos que condicionam parcialmente o nosso comportamento, etc., etc.

Todas estas coisas, aparentemente, determinam antecipadamente o nosso destino, muito antes de decidirmos dirigir a nossa vida num determinado sentido e organizá-la em função do mundo que nos cerca. Que nos resta portanto a fazer quando tantas coisas estão já fixadas? Dado todo este conjunto de condições determinantes, sob que aspecto estaremos ainda aptos a nos dirigir nós próprios? Será possível sair desta rotina em que estamos agora empenhados?

Em face da dificuldade do problema, ser-se-ia tentado a desistir de tudo! Mas não nos apressemos a tirar conclusões. Estes vestígios do passado de que nós apenas conservamos uma recordação muito vaga não serão os únicos a determinar a nossa vida. Amanhã, depois de amanhã e até ao nosso último dia, encontrar-nos-emos sem cessar noutras encruzilhadas de caminhos. Em conclusão, nada está nunca completamente determinado quanto à direcção a tomar.

Deus concebeu um plano para mim. Pode dar-se o caso de que a minha vida siga uma linha perfeitamente normal e regular, mas nada pro-

va que seja esse o caso e o meu futuro me fique totalmente vedado. Mesmo não tendo nenhuma razão particular para temer o futuro, não posso deixar de pensar com uma certa inquietação no acaso do desconhecido que está na minha frente. É nesses momentos que devemos olhar para Aquele "que cobre o céu de nuvens" (Salmos 147:8).

O que me está oculto não é como que atribuível a um destino cego e cruel ou a um simples acaso. Uma mão encontra-se estendida, nalgum lado, sobre as nuvens, para orientar o seu percurso e assegurar a sua distribuição e elas dependem absolutamente dela. Esta mão, invisível aos nossos olhos humanos, é a mesma que se deixou atravessar e pregar ao madeiro; a mesma que um dia repousou sobre a cabeça das crancinhas; a mesma ainda que, pousando sobre pobres corpos sofredores, os tornou de novo cheios de vigor e saúde. É esta mão que, num gesto cheio de majestade, ordenou aos ventos e às vagas de tal maneira que o mar em fúria se tornou, no mesmo instante, como um suave espelho de prata e que o vento impetuoso se transformou em vivificante brisa.

Se alguém me disser: "Tudo confirma a existência duma inteligência superior que, depois de ter concebido o universo, dotou-o de leis magníficas, tais como as que regem a órbita extraordinariamente complicada dos planetas," eu ouvirei talvez por alguns momentos com uma certa atenção, depois, desiludido, continuarei a leitura do meu jornal, porque isso em si não constitui uma verdade suficiente na qual me possa apoiar para viver.

Mas, se vierem dizer-me: "Existe Alguém que te conhece, que não é indiferente aos caminhos que segues, que pagou um grande preço a fim de ser para ti a Estrela na qual poderás fixar os teus olhares todos os dias da tua vida — se pois me disserem isso, eu ouvirei avidamente, porque, se as coisas são bem assim, isso equivale a uma verdadeira revolução em toda a minha existência. Tudo o que me possa acontecer toma de futuro uma nova significação, desde as minhas pequenas preocupações diárias, as doenças que me atormentam, até às aspirações da minha consciência.

O nosso grande Deus deixou as moradas celestes onde reinava, demasiado longe de mim para que me pudesse interessar alguma vez por Ele, e veio nascer como um filho do homem, num estábulo, em Belém. Trinta anos depois, foi visto por alguns em casa duma pobre mulher que acabava de perder a sua filha, ou junto dum mendigo cego, ou ainda conversando com um jovem chefe — o mancebo rico — que O interrogava acerca da orientação que convém dar à vida quando se quer ganhar o céu. Algum tempo depois, este mesmo Deus morreu por mim sobre a cruz.

Pascal, o autor de "Pensées," declarava um dia que constituía uma sensação maravilhosa o facto de se encontrar num navio sacudido por vagas monstruosas quando se tem a certeza — absoluta, é claro — de que se chegará ao porto são e salvo! Deus, com efeito, não permite que a nossa existência se torne uma aventura tumultuosa de resultado incerto. Desde as primeiras páginas da Bíblia, Ele nos diz como tudo terminará. Estamos embarcados para uma viagem de que não conhecemos evidentemente as peripécias, mas sabemos que Deus cuida de nós, desde o horizonte, e que nos conduzirá ao destino.

A minha breve existência, vivida inteiramente pela fé na mensagem adventista, é uma aventura — a mais maravilhosa aventura. Porque sei que o meu navio alcançará o porto. Sei também que cada acontecimento da minha vida tem um sentido e que cada nova experiência me aproximará do fim.

Um homem que não estava absolutamente convencido que Deus dirigia a sua vida, perguntou um dia a Spurgeon como fazia ele para reconhecer a vontade de Deus. Spurgeon atendeu-o delicadamente e, como resposta, limitou-se a fazer sinal para se aproximar, a um rapazinho de cerca de três anos que se encontrava naquele lugar. Sem pronunciar palavra, Spurgeon levantou a criança e, colocando-a sobre um muro, a uma altura razoável, disse-lhe que saltasse para os seus braços estendidos para a segurar. Lia-se o terror nos olhos do garoto. O seu olhar foi em primeiro lugar para Spurgeon, depois para o chão, lá em baixo, e, após uma breve hesitação, deixou-se escorregar pela parede abaixo. Preferiu correr o risco de esfolar as mãos a saltar para os braços de um desconhecido.

Spurgeon chamou então outro rapazinho — mais pequeno e sensivelmente mais novo que o primeiro. "Salta!" Sem a menor hesitação, com um sorriso alegre, a criança saltou para os braços de Spurgeon.

"— Dois casos bem diferentes, não é verdade? Perguntou Spurgeon ao senhor que exprimira as suas dúvidas e que esperava. Repare, a primeira criança não me conhecia. Não tinha confiança e por isso não pôde resolver-se a saltar. O outro é meu filho. Ele conhece o seu pai e confia na sua força. Por isso saltou sem hesitar. Do mesmo modo, é essencial que, na minha vida, eu saiba reconhecer a voz de Deus e que aprenda a pôr n'Ele toda a minha confiança."

Como dá Deus a conhecer a Sua vontade? Como saber se o caminho seguido é mesmo o Seu e não o vosso? "Se estais em dúvida quanto a qualquer ponto, consultai primeiro as Escrituras," sugere a Senhora White ("Mensagens aos Jovens," pág. 156). Tomai a Bíblia e procurai nela a resposta para o vosso problema particular. O Espírito Santo guiará as vossas buscas.

"A Bíblia é um livro que apresenta os princípios do bem e da verdade. Encerra tudo o que é útil para a salvação da alma e, ao mesmo tempo, contribui para fortalecer o espírito e discipliná-lo." — "Fundamentals of Christian Education," pág. 131. "Os que estudam a Bíblia, que buscam o conselho de Deus e confiam em Cristo, estarão preparados para agir sãbiamente em qualquer altura e em todas as circunstâncias. ... Que a verdade presente seja pois recebida com um coração bem disposto e se torne a própria base do vosso carácter; ela produzirá então uma firmeza de decisão que nada, nem a sedução do prazer, nem a mudança dos hábitos, nem o desprezo das pessoas do mundo, nem mesmo a condescendência com o eu, conseguirá enfraquecê-la." — "Testimonies," Vol. 5, pág. 43.

A PROVIDÊNCIA À OBRA

Quando Ellen White falava das Providências divinas à obra na vida das pessoas, exprimia a sua convicção pessoal, adquirida à custa de numerosas experiências, e ao mesmo tempo o que acerca disso lhe tinha sido revelado por Deus. Vê nesta Providência o Guia seguro que nos dirige nas vicissitudes da vida. Deste modo acontece que tal caminho se abre e que outro se fecha, ou que uma determinada situação se prolonga por algum tempo. Por vezes, parece que Deus fecha todas as portas e as coisas devem ficar por ali. Ou então, tudo continua normalmente, como no passado. Chega uma carta, ou uma chamada de telefone e isso basta para alterar a marcha dos acontecimentos. No entanto, uma coisa permanece clara: Deus proporciona as circunstâncias e serve-Se delas para nos conduzir no caminho que Ele escolheu. Se desejamos a Sua intervenção, saberemos reconhecer, no tempo e lugar, os meios de que Ele Se serve para nos revelar a Sua vontade.

"Dia após dia, Deus instrui os Seus filhos. Prepara-os, por meio das circunstâncias quotidianas, para desempenhar, num campo mais vasto, a actividade que a Sua Providência lhes designou. É o resultado destas repetidas provas que decide a vitória ou a derrota nas grandes dificuldades da vida." — "Jésus-Christ," pág. 177.

"Desde o dia do Pentecostes até ao presente, o Confortador tem sido enviado a todos os que se rendem inteiramente ao Senhor e a Seu serviço. A todos os que aceitam a Cristo como um Salvador pessoal, o Espírito Santo vem como consolador, santificador, guia e testemunha." — "Actos dos Apóstolos," pág. 49.

"Ele vos guiará em toda a verdade, declarou o Salvador. S. João 16:13. Se os homens se dispuserem a ser moldados, haverá a santificação de todo o ser. O Espírito tomará as coisas de Deus e lhas gravará na alma. Por Seu poder o caminho da vida se tornará tão claro que ninguém o errará." — "Idem," pág. 53.

A CONTEMPLAÇÃO DO INVISÍVEL

Quando a fé se desenvolve nele, o cristão começa a ver as coisas por um aspecto diferente. Esta transformação que se obtém pela influência do Espírito Santo não é necessariamente rápida, mas é real, até mesmo visível. Com efeito, enquanto o cristão não atinge a sua maturidade espiritual, encara as coisas sob um ângulo restrito e apenas recebe delas uma visão deformada. É por isso que muitos levam toda uma existência confiados apenas no imediato e assim lhes escapam totalmente as únicas coisas que se podem considerar como válidas — ou seja, as eternas.

Tendo recebido a revelação fulgurante de Cristo em glória, o apóstolo Paulo é transformado, naquele mesmo instante, num outro homem. Desde então, a sua maneira de ver mudou completamente. É a esta mudança que ele faz alusão quando, prisioneiro dos Romanos, declara em sua defesa! "Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial." — Actos 26:19.

Ninguém pode ser um verdadeiro cristão enquanto não constatar, num determinado momento da sua experiência, que os seus pontos de vista não são os mesmos. Enquanto não se produzir esta mudança de orientação, a existência continuará para nós um enigma inexplicável e procuraremos o nosso caminho às apalpadelas, à maneira dos míopes, incapazes de reconhecer os verdadeiros valores, ainda mesmo que eles se encontrem no nosso caminho, e completamente cegos quando se trata de discernir, para além do presente, as veredas que desafiam o tempo. Em nosso redor há pessoas que dizem para consigo: Quem sou eu? Que faço eu aqui na terra? Qual será o meu destino final? Perguntas para as quais não há muita possibilidade de encontrar respostas satisfatórias, devido a essas pessoas não estarem dispostas a submetê-las Àquele que, só Ele, poderia dissipar a sua ignorância e aumentar o seu horizonte até o tornar infinito como o céu. No que diz respeito ao homem irregenerado, os problemas desconcertantes que a vida lhe apresenta nunca poderão ter resposta adequada. É unicamente aos pés da cruz que podemos obter uma visão global, completa deste mundo assim como do mundo porvir. Iluminado pela graça divina revelada na pessoa e pelo ministério de Jesus, o homem pode compreender enfim quem é, o porquê da sua existência e o aspecto do seu destino eterno.

Desde o princípio do mundo, esta visão da vida futura tem sido a Estrela pela qual se têm guiado todos os que têm conhecido e amado a Deus. Foi assim que, confiando no amor e na fidelidade de Deus, Abraão não hesitou em deixar a sua terra, apesar de ignorar completamente onde o Senhor o conduziria. Uma fé tão perfeita permitiu a Abraão ser chamado o "pai dos crentes." Mas não esqueçamos — toda a vida do patriarca o demonstra — que a esta fé ex-

cepcional Abraão juntava uma obediência de que há bem poucos exemplos. Que lição para nós que, antes de obedecer, exigimos saber o como e o porquê e o que será de nós! Abraão — é o autor da epístola aos Hebreus quem no-lo lembra — "saiu sem saber para onde ia." — Heb. 11:8.

Alguns serão tentados em qualificar de cega uma fé que avança assim, de olhos fechados. Mas se Abraão possuía uma fé tão obediente, é porque sabia que podia confiar absolutamente em Deus, tendo muitas vezes tido a prova da firmeza da mão que o guiava.

Pela fé, os patriarcas possuíam uma perspectiva muito mais ampla que a dos seus contemporâneos. Afastando-se o seu pensamento dos lugares habituais das suas peregrinações, anteviam a pátria celeste pela qual suspiravam. Como o esclarece o autor da epístola aos Hebreus, eles podiam voltar para o seu país natal, mas esta pátria terrestre não contava muito para eles. "... Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus não se envergonha deles, de Se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade." — Heb. 11:16.

Moisés gozava de todos os direitos e privilégios conferidos aos príncipes de sangue da Casa Real do Egito. Mas a impaciência por livrar o seu povo era tal, que ele não soube refrear o seu impulso. Desterrado, afastado para o deserto, ali encontrou Deus. A partir desse momento, a vida presente e a futura apresentaram-se-lhe com uma nova perspectiva, totalmente diferente da que tinha antes. Depois chegou o tempo em que, na qualidade de escravo, voltou ao Egito para livrar outros escravos da ira de Faraó. Mas, por nada do mundo, ele trocaria a sua humildade presente pela sua glória passada. A sua maneira de ver mudara. Nada mais contava doravante senão cumprir a vontade de Deus. "Pela fé deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível." — Heb. 11:27.

Estêvão, também vivia na contemplação das coisas invisíveis. Homem cheio de fé e do Espírito Santo, versado no estudo das Escrituras, ousou dar o seu testemunho na presença dos seus perseguidores. Indiferente em relação à sua própria vida, anunciou-lhes a sua fé no Filho de Deus: "Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus." (Actos 7:56). Eles gritaram com grande voz e, expulsando-o da cidade, o lapidaram.

Esta visão das coisas celestes não se limitava só aos homens de fé de outrora. Depois destas épocas recuadas, muitos homens viveram conservando presente no espírito a esperança de entrar um dia na cidade de Deus. Estes homens não eram místicos, destas pessoas que vivem com os olhos perdidos no céu e das quais se diz geralmente que não trazem os pés sobre a terra, mas homens sábios, realistas bastante inteligentes para encararem todas as coisas na devida perspectiva.

O apóstolo Paulo dizia-o já aos crentes de Colossos: "Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima... não as que são da terra. Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus." — Col. 3:1-3.

Pode-se dizer com razão que Cristo não veio ao mundo para pregar um Evangelho, mas para incarnar um Evangelho destinado a ser pregado. Ele veio não tanto em vista de fazer do mundo um lugar onde a vida fosse melhor, mas para salvar o homem do pecado e das suas consequências. Veio para nos dar uma perspectiva diferente, para nos permitir ver com os olhos do Espírito, e nos ensinar a distinguir o que é perecível e o que o não é, o que está destinado a desaparecer e o que deve permanecer para toda a eternidade.

Porque estamos nós tão frequentemente fechados à visão das coisas celestes? Apenas existe uma resposta admissível: as nossas emoções, os nossos desejos, as nossas perspectivas permanecem estritamente horizontais, não podem elevar-se até ao Cristo ressuscitado. Cometemos igualmente o erro de querer sempre conhecer o fim desde o princípio, de não nos empenharmos senão apenas com garantias. Cremos em Deus e na Sua Palavra que consideramos como sendo a verdade, mas apresentamos reticências quando se trata de obedecer e preferimos adiar para quando tivermos uma idade mais avançada. Será caso para nos admirarmos que, deste modo, percamos a bênção espiritual e as realizações que ela comporta?

Aquele que, ao estudar as Escrituras, alcança uma visão clara das coisas de cima, consegue fazer uma ideia quanto ao futuro do nosso mundo e penetrar, numa fraca medida, aquilo a que chamamos os mistérios do além. "Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos (o Senhor) face a face." (I Cor. 13:12). Mesmo vivendo num mundo atormentado, exposto às rivalidades e às lutas, podemos conservar intacta a nossa alegria, porque esperamos um novo céu e uma nova terra onde Deus nos reservou um lugar. Existirá no mundo uma esperança — melhor, uma certeza — que possa comparar-se a esta?

O futuro pertence-nos, porque pertencemos Àquele que se levantará e que virá, no dia por Ele fixado. Para além dos vales sombrios por onde andamos errando, misturados com o mundo, conservamos os olhos fixos nas montanhas de onde nos virá o socorro, estas montanhas cujos cimos se iluminam já da glória futura. O relâmpago pode iluminar a nuvem, o trovão ribombar por cima das nossas cabeças, sem que contudo a nossa paz seja perturbada: o raio não nos atingirá. Os caminhos foram aplanados para facilitar a nossa ascensão. Foram preparados por Aquele que marca aos ventos o seu percurso e que domina a tempestade. Felizes os que possuem olhos capazes de discernir, para além do imediato, as coisas que nos foram prometidas.

A real, a reconfortante visão do vidente de Patmos é apenas uma recompensa da fé. O apóstolo João viu as grandes nuvens do último Dia acumular-se sobre a História. Nuvens terríficas, anunciadoras do fim de todas as coisas, mas também da vitória decisiva do Todo-Poderoso. Estas nuvens, contudo, não servem de quadro de projecção ao resplandecente carro do Anjo da Vingança. Sobre eles desce o Rei da paz, o nosso glorioso Senhor Jesus. O raiar dum novo dia surgirá para o nosso mundo.

Tudo o que nos acontece, de bem como de mal, tudo o que o nosso futuro nos reserva ainda, é apenas para nos levar a crer, para nos

preparar para esse triunfal acontecimento. É nesse momento que toda a História encontrará a sua explicação e a sua conclusão, e que compreenderemos então o sentido oculto da existência. Com esta visão constantemente diante dos nossos olhos, lutaremos com serenidade contra ventos e marés, sabendo que o estrondo e os horríveis bramidos que nos enchem de terror não passam de sinais percursoros da tormenta decisiva na qual se verá Satanás precipitado no abismo. Neste bem-aventurado dia, celebraremos com Cristo a prodigiosa vitória alcançada sobre as forças do mal que têm tentado arrancar-nos da mão de Deus e de nos arrebataram a paz prometida aos filhos da luz.

Sábado, 23 de Março de 1968

ALEGRIA NO SENHOR



Theodore Lucas

AQUILO de que os homens de hoje mais necessitam, é duma mensagem, de esperança. Ora, a maioria esgota-se numa busca vã, procurando sem cessar novos temas de prazer que apenas lhe trazem satisfações tão efémeras! É porque procuram mal, ignorando decididamente a existência de Deus de amor, de paz e de esperança.

O "Buda adormecido," uma gigantesca estátua deitada de lado, com a cabeça apoiada na mão, é considerada como uma das curiosidades turísticas dignas de serem admiradas por quem visite o Extremo Oriente. Os olhos fechados, o rosto marcado duma serenidade budista causam, segundo parece, grande impressão nos fiéis. Doze artísticas estatuetas estão colocadas diante dele. O Buda dorme. Não os vê. Os seus fiéis podem necessitar de conforto no momento da prova, dum olhar repassado de amor na hora da tentação ou do temor, dum ouvido atento aos seus queixumes ou sofrimentos. O Buda não vê nada, não ouve nada, não reage: dorme! Que contraste com o Deus vivo que nunca dorme nem pestaneja, cujo ouvido está sempre atento aos menores gritos dos seus filhos, que fala aos Seus com bondade como falou a Moisés. "Irás a Minha presença contigo," dissera o Senhor a este grande servo. — Ex. 33:14.

O autor da epístola aos Hebreus confirma-o aliás: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho... (Heb. 1:1). Não é esta uma afirmação das mais reconfortantes? Este Filho que veio pregar, realizar milagres, curando os

doentes e ressuscitando os mortos, chama-nos hoje para encontrarmos n'Ele a nossa alegria. Fecharemos os ouvidos aos apelos d'Aquele que, para nos resgatar, sofreu os insultos e a morte, e o abandono momentâneo do Pai? Jesus bate à porta de cada um de vós. Iríeis deixá-l'O bater em vão?

A JUVENTUDE E A ALEGRIA

Aos jovens Adventistas não faltam razões para serem felizes. Em especial, ainda que o não esperem, o Espírito de Deus é-lhes concedido todos os dias. Este Espírito que inspirou os profetas e os grandes pregadores do Antigo Testamento, é o mesmo que desceu em línguas de fogo sobre os apóstolos reunidos durante o Pentecostes. Ele fala aos nossos corações hoje, convida-nos a depositar a nossa fé em Cristo, a ver n'Ele o nosso único Salvador. Também nos fala por intermédio das Escrituras Sagradas, fazendo-nos lembrar os ensinamentos de Cristo, suplicando-nos que nos tornemos os discípulos do Mestre e concedendo-nos os meios de nos tornarmos Suas testemunhas.

Nada se pode comparar à alegria em Deus, a que se adquire pelo estudo da Palavra de Deus. A Bíblia é, com efeito, um livro único, um livro maravilhoso, extraordinário. Nenhum outro livro poderia trazer-nos a Vida. Só a Bíblia realiza este milagre. E, por todo o caminho, ela segura-nos pela mão para nos conduzir em direcção à Alegria e à Obediência.

A vossa idade coloca-vos numa encruzilhada de caminhos, em que múltiplas perplexidades

vos assaltam. É a idade em que o "mediocre," de que se obtém o gozo imediato, parece preferível ao "melhor," que nos parece dificilmente acessível. Contentamo-nos com o "menos" por evitar o esforço que o "mais" exigiria. Livros aos milhares se vos oferecem que, estais persuadidos, aumentarão a vossa visão do mundo. O seu amargo realismo vos proporcionará sem dúvida a maturidade de rosto pela qual sois todos tão vaidosos quando supondes tê-la adquirido. Mas ela não vos servirá de nada nas experiências em que vos virdes implicados. Porque os escritos dos homens, mesmo os mais importantes, não podem ser considerados como substitutos legais aptos a substituir, para a vossa formação de adultos, a simples Palavra de Deus. O Senhor exorta-vos a renunciar às coisas deste mundo e a tomar partido corajosamente por Ele; e a considerar, nesta nova perspectiva, todas as decisões que tiverdes a tomar. Ele será para vós o Parceiro, o Associado com o qual podereis contar absolutamente. Ou o Amigo capaz de vos fortalecer na hora dos fracassos ou do desânimo.

Se Cristo vos quer para Ele, não é para vos meter numa aventura inglória e sem futuro. Com Ele, a vida não se limita à nossa pobre e pequena existência de formigas; ela brilha, cintila, resplandece, cai em forma de chuva de estrelas em nosso redor. Isto, é a plenitude de vida que apenas existe em Cristo, o resultado do magnífico reflexo do Espírito Santo no coração dos que disseram "sim" ao seu Salvador.

Jovens, nenhum de vós ignora o valor que o nosso século atribui à cultura. Desde os vossos mais tenros anos, vos têm ensinado a adicionar, a multiplicar, a usar um dicionário. A vossa memória renitente viu-se quase que submergir em datas históricas, ensinaram-vos o que se passa quando se junta ácido clorídrico com sulfato de ferro. Submeteram a vossa inteligência a uma infinidade de perguntas e respostas para vos ensinar a encontrar a solução correcta para tantos outros problemas, um pouco como estas máquinas electrónicas dotadas duma memória fabulosa às quais se pedirá em seguida para compor um poema. Longe de nós a ideia de desfazer na importância desta instrução. Será ela que vos permitirá de ganhades a vossa vida e a da vossa família. E devemos reconhecer que ela será por outro lado uma fonte de muitas e variadas alegrias — perduráveis também por vezes, em proporção ao número dos anos que viverdes. Mas ela não nos garante nada para a vida futura! Não nos concede nenhum meio de escapar à ceifeira. É por isso que não poderíamos contentar-nos com ela. É necessário procurar mais longe e mais profundo, para descobrir alguma coisa mais significativa e mais vital que uma simples fórmula matemática ou uma data histórica!

EM BUSCA DA VERDADE: UM EMPREENDIMENTO DUMA VIDA INTEIRA

No nosso século de técnica avançada em que, confiando na sua ciência, o homem não hesita em embrenhar-se nos grandes mistérios do universo, somos tentados a pôr a nossa confiança no homem e a esquecer que acima dos maiores cérebros existe Deus e que nadá se passa sem o Seu consentimento. Podemos considerar-nos suficientemente prudentes e instruídos para descobrir por nós próprios a solução dos nossos problemas. Mas um dia ou outro esta prudência própria da experiência falhará. E, de qualquer maneira, será sempre incapaz de nos proporcionar a salvação. Necessitamos portanto possuir entendimento suficiente para considerar como inadequadas as semi-verdades da ciência e procurar mais alto a Verdade que se encontra em Jesus Cristo, nosso Senhor. Então "conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (João 8:32).

Jesus declarara-o também aos Seus discípulos: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida." (João 14:6). A Verdade e a Vida encontram-se portanto estreitamente associadas n'Ele, dependendo uma da outra. O que Cristo vos propõe, por conseguinte, é uma aventura única, bem mais compensadora que as tentativas da nossa idade atômica que no fundo não passam de investigações no desconhecido que nos cerca. Viver com Cristo, viver para Ele, é juntar-se ao número dos que o aguardam na alegria da Sua gloriosa vinda, enquanto que tantos outros, aterrorizados e trémulos, esconder-se-ão da Sua face. Junto d'Ele encontrareis a força e a coragem, a certeza e a paz, a sabedoria e o amor. E a vida que Ele oferece não acabará jamais! Jesus declarou: Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância." (João 10:10). E isto igualmente: "Quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá." (João 11:25).

O "EU", OBSTÁCULO PARA A VIDA EM CRISTO

É uma importante data na vida de um jovem quando ele alcança a sua independência obrigando o eu a abdicar e dando a Jesus a ocasião de ocupar nele o lugar que ficou vago. Uma data que conta também aos olhos do Senhor.

"Jesus Se esvaziou a Si mesmo, e o próprio eu não se revelou em nada de quanto Ele fez. À vontade do Pai, subordinava tudo. Quando estava prestes a concluir Sua missão na Terra, foi-Lhe possível dizer: "Eu glorifiquei-Te na Terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer." (João 17:4). E pede-nos: "Aprendeí de Mim, que sou manso e humilde de coração." (Mat. 11:29), e ainda: "Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo..." (Mat. 16:24); seja destronado o eu, não mais tendo a supremacia da alma." — "Mensagens aos Jovens," pág. 162.

Muitas pessoas hoje pensam que podem passar sem Deus. Não se interessam com o plano da redenção, a moral divina parece-lhes demasiado severa, e não tentam sequer procurar descobrir as alegrias que ela encerra. Vêem no sábado um puro anacronismo. Pelo contrário, em muitas circunstâncias, vemo-los celebrar o culto ao seu eu. Mas quem então, eles ou nós que tememos a Deus, conta finalmente no seu activo as maiores satisfações? O livro de Job dá-nos a resposta. Este homem de Deus, provido de todos os bens e de todas as alegrias, viu-se privado, quase duma vez, de tudo o que possuía. Atacado além disso de uma horrível doença, ele ainda estava exposto às desiludidas reflexões de sua mulher que, na sua amargura, chegou ao ponto de proferir esta blasfémia: "Amaldiçoa a Deus, e morre!" Se Job tivesse em primeiro plano o seu eu, sem dúvida que o conselho encontraria eco na sua alma. Mas Job pertencia a Deus de todo o seu coração. Ele respondeu-lhe: "Comofala qualquer doida, assim falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?" (Job 2:9, 10). Apesar de infeliz e despojado de tudo, Job não se deixou chegar ao ponto de duvidar da bondade e justiça de Deus. Pode acontecer-nos nos momentos de tentação, perguntarmos a nós próprios se a orientação que Deus quer imprimir na nossa vida é justamente aquela que nos convém! Ainda aqui, a atitude de Job constitui para nós um exemplo.

Pensai no apóstolo Paulo. Ele ainda tinha o nome de Saulo quando, jovem judeu cheio de orgulho farisaico, assistiu, impassível, à lapidação de Estêvão. Vemo-lo em seguida, "respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor," pedir ao sumo sacerdote uma autorização oficial para perseguir os cristãos de Damasco, se lá se encontrassem alguns. Ei-lo com os seus companheiros a caminho de Damasco; aproximam-se da cidade. Repentinamente o seu caminho é interceptado por um relâmpago ofuscante. Saulo vacila e cai. Ouve então uma voz junto a ele: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" Saulo, transtornado pergunta: "Quem és, Senhor?" A resposta vem clara e impressionante: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues." Saulo compreendeu: É preciso fazer uma escolha entre o seu velho eu e Deus. A escolha é feita: Saulo não lutará contra Deus. A partir desse momento Saulo tornou-se Paulo e o seu coração e a sua vida foram totalmente transformados. O ódio deu lugar à alegria, para maior proveito seu e de todos os que o ouviam pregar.

Um último quadro mostra-nos Paulo em Roma. Prisioneiro de César, será condenado à decapitação. Mas a iminência do suplício não altera a sua alegria, nem a sua confiança em Deus. E assim manda dizer a Arquipo: "Atenta para o ministério que recebeste no Senhor; para que o cumpras." depois, acrescentando saudações à sua carta, diz ainda: "Lembrai-vos das minhas prisões. Agraça seja convosco!" (Col. 4:17, 18). Estas palavras admiráveis não constituem um

apelo em seu auxílio. São, pelo contrário, um incentivo dado a todos para permanecerem fiéis, ainda que sobrevenha a adversidade.

Escrevendo aos Gálatas, o apóstolo Paulo declara: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a Si mesmo por mim." (Gál. 2:20).

Não se trata aqui duma simples fórmula atestando a autenticidade da sua consagração. Paulo havia destronado inteiramente o seu eu para colocar Jesus no seu lugar. Temos a confirmação deste facto na sua segunda epístola a Timóteo onde ele reitera a sua certeza de ter escolhido uma Causa justa: "... Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda." (II Tim. 4:7, 8).

A nossa igreja de Battle Creek no Michigan — a igreja dos pioneiros adventistas — aumentou em tamanho recentemente, com uma sala anexa destinada às reuniões de juventude. Uma das paredes desta sala está ornamentada com uma pintura de grandes dimensões cujo tema reproduz o mancebo rico. O jovem chefe, cuja atitude exprime o bem-estar e a satisfação própria, acaba de perguntar a Jesus que mais deve fazer para herdar a vida eterna. Jesus, com um gesto, chama a sua atenção para um grupo formado por um velho antrajoso e uma mulher vestida de luto. "Divide portanto com eles os muitos bens de que dispões, parece dizer o Salvador, e terás um tesouro no Céu." O jovem compreende perfeitamente o que Jesus quer dizer; no fundo da sua consciência, ele sabe bem que é essa a vereda da salvação. Mas ele ainda se ama demasiado a si próprio e, voltando deliberadamente as costas a esta tentação do bem, retira-se, egoísta e desesperado. Era contudo um mancebo de renome. Ele poderia ter-se tornado uma coluna na cristandade. Mas deixara passar a ocasião. Por isso as Escrituras não voltam a referir-se a ele.

Houve outros como ele que não compreenderam o sentido das verdades eternas, tal como a mãe de Tiago e João que desejava para os seus dois filhos que um ficasse à direita outro à esquerda de Jesus quando Ele estivesse no Seu reino. (Mat. 20:21). Que se distinguiu nela nesse momento, o seu egoísmo ou o seu orgulho de mãe? Em todo o caso, ela não compreendera o que na realidade implicava o seu pedido, quer dizer o esquecimento de si próprio, o sofrimento e a cruz. Ela apenas tinha pensado na glória, na honra que daí adviria para a sua família. Para os seus dois filhos, ela ansiava unicamente a coroa; não estava preparada para aceitar a cruz.

O SINAL +, SÍMBOLO DA CRUZ

A alegria no Senhor é muitas vezes levar a cruz. Não só a nossa própria cruz, mas as dos outros quando ela repentinamente lhes parece demasiado difícil de transportar. Numa palavra, é o serviço; é dar-se, consentir nos sacrifícios. O resultado não será um empobrecimento mas, pelo contrário, um enriquecimento profundo, real, durável, gerador de felicidade e paz.

Após a execução da rainha Maria Antonieta e do rei Luiz XVI a quando da Revolução Francesa, o príncipe Luiz Carlos de França, seu segundo filho — ainda uma criança — ficou por algum tempo encerrado na prisão do Templo. Deram-lhe por guarda um velho sapateiro, adversário sangrento do antigo Regime, um homem seco e rude que não estava nada disposto a mostrar sentimentalismo. Procurou por todos os meios destruir a moral da criança. Mas esta, apesar de ser muito nova, continuava consciente da sua posição e dos deveres que por isso tinha; e não temia combater o seu carrasco, dizendo: "Isso não! não posso fazê-lo. Sou filho de rei, não esqueça!"

Estamos nós como esta criança o estava, conscientes da nobreza da nossa filiação e dos deveres que isso nos impõe?

Encontrando-se em Nova-York com o filho, um homem levou-o a visitar uma igreja. No altar erguia-se uma cruz. A criança que não estava habituada a frequentar as igrejas e que começava a familiarizar-se com os rudimentos da aritmética, perguntou com toda a ingenuidade: "Por que puseram ali aquele grande sinal "mais"?"

A cruz é, com efeito, um grande sinal "mais" para todos os que lhe compreendem o valor. É, por excelência, o sinal da adição, não o da subtracção. Ela acrescenta ao carácter belas e nobres qualidades: a bondade, o dom da simpatia, a dedicação, a coragem, a alegria.

"A religião de Jesus proporciona abundância de paz. Ela não extingue o brilho da alegria, não restringe o bom humor, nem toda a fisionomia radiosa e sorridente... Diz Jesus: "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize." "Tenho-vos dito estas coisas para que o Meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja completo." (João 14:27; 15:11). — "Aos Pés de Cristo" págs. 131 e 136.

Tomai em relação a vós próprios a determinação de ser dignos em todos os aspectos da vossa alta filiação. E conservai profundamente em vós — sem procurar outra coisa — o pensamento de Jesus Cristo e este crucificado (I Cor. 2:2). Então experimentareis uma alegria tal que não voltareis a querer outra.

Posição Própria na Oração

E. G. WHITE

TENHO recebido cartas a perguntar-me sobre a posição que deve ser assumida por uma pessoa que faz oração ao Soberano do Universo. Onde receberam os nossos irmãos a ideia de que deviam ficar de pé quando oram a Deus? Alguém que tem sido educado em Battle Creek por cerca de cinco anos foi convidado a fazer oração antes de eu falar à assistência. Mas ao vê-lo levantado direito sobre os seus pés quando os seus lábios iam abrir-se para iniciar a oração a Deus, por dentro minha alma impeliu-me a dar-lhe uma repreensão pública. Chamando-o pelo nome, disse-lhe: "Ajoelhe-se." Esta é sempre a posição própria.

Luc. 22:41: "F apartou-se deles cerca de um tiro de pedra; e, pondo-se de joelhos, orava."

Actos 9:40: "Mas Pedro, fazendo-as sair a todas, pôs-se de joelhos e orou, e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos, e vendo a Pedro, assentou-se."

Actos 7:59-60: "F apedrejaram a Estêvão, que em invocação, dizia: Senhor Jesus, recebe

o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu."

Actos 20:36: "E, havendo dito isto pôs-se de joelhos, e orou com todos eles."

Actos 21:5: "E, havendo passado ali aqueles dias, saímos e seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos, com suas mulheres e filhos, até fora da cidade: e, postos de joelhos na praia, orámos."

Esdras 9:5-6: "F perto do sacrifício da tarde me levantei da minha aflição, havendo já rasgado o meu vestido e o meu manto, e me pus de joelhos e estendi as minhas mãos para o Senhor meu Deus, e disse: Meu Deus! Estou confuso e envergonhado, para levantar a Ti a minha face, meu Deus; porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa tem crescido até aos céus."

Salmo 95:6 "Oh, vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor que nos criou."

Efés. 3:14 "Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo." E todo este capítulo será uma lição tão preciosa quanto possamos aprender, se o coração a aceitar.

Quando em oração a Deus a posição indicada é prostrado de joelhos. Este acto de culto foi exigido dos três hebreus cativos na Babilónia... Mas tal acto era preito que só devia ser prostrado a Deus — o Soberano do mundo, o Dominador do universo; e esses três hebreus recusaram-se a dar essa honra a qualquer ídolo, mesmo que fosse de ouro puro. A fazer assim, estariam, para todos os intentos e fins, a prostrar-se ao rei da Babilónia. Recusando-se a fazer como o rei ordenou, sofreram o castigo, e foram lançados na fornalha do fogo ardente. Mas Cristo veio pessoalmente e andou com eles no meio do fogo e nada de mal lhes sucedeu.

Tanto no culto público como em particular é nosso dever prostrar-nos de joelhos diante de Deus quando Lhe dirigimos nossas petições. Este procedimento mostra nossa dependência de Deus.

Na dedicação do Templo, Salomão estava de pé a olhar para o altar. No átrio do Templo havia uma base de metal, e depois de subi-la ele ficou de pé e levantou suas mãos ao céu, e abençoou a enorme congregação de Israel, e toda a congregação de Israel estava de pé...

"Porque Salomão tinha feito uma base de metal, de cinco côvados de comprimento, e de cinco côvados de largura, e de três côvados de altura, e a tinha posto no meio do pátio e pôs-se nela em pé, e ajoelhou-se em presença de toda a congregação de Israel, e estendeu as suas mãos para o céu..." II Cron. 6:13.

A longa oração que ele fez então era apropriada para a ocasião. Foi inspirada por Deus, respirando os sentimentos da mais elevada piedade misturada com a mais profunda humildade.

UMA FROUXIDÃO PROGRESSIVA

Apresento estes textos comprovativos com a pergunta: "Onde recebeu o irmão H sua educação?" — Em Battle Creek. Será possível que com toda a luz que Deus tem dado a seu povo sobre a reverência, ministros, directores e professores de nossas escolas, por preceito e exemplo ensinam os jovens a ficarem de pé na devoção como faziam os fariseus? Consideraremos isto significativo de sua auto-suficiência e importância-própria? Devem essas características tornar-se distintas?

"E disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, crendo que eram justos, e desprezavam os outros; dois homens subiram ao templo, a orar; um fariseu, e o outro publicano. O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os

dízimos de tudo quanto possuo". Luc. 18:9-12. Foi o fariseu que a si mesmo se justificava que não se encontrava em posição de humildade e reverência diante de Deus; mas estando de pé em sua soberba auto-suficiência, ele contou ao Senhor todas as suas boas obras. "O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira". Lucas 18:11; e sua oração não se elevou acima de si mesmo.

"O publicano, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado". Luc. 18:13-14.

Temos a esperança de que nossos irmãos não manifestarão menos reverência e respeito ao aproximarem-se do único Deus vivo e verdadeiro do que os pagãos manifestam para com suas divindades idólatricas, ou estes povos serão nossos juizes no dia da decisão final. Falo a todos os que ocupam os lugares de professores em nossas escolas. Homens e mulheres, não desonreis a Deus pela vossa irreverência e grandiloquência. Não vos ergais em vosso farisaísmo ao fazerdes vossas orações a Deus. Desconfiai de vossa própria força. Não dependais dela; mas prostrai-vos frequentemente de joelhos diante de Deus, e adorai-O.

PROSTRADO DE JOELHOS

E quando vos reunis para adorar a Deus, não deixeis de vos prostrar de joelhos diante d'Ele. Que esta acção testifique de que toda a alma, e corpo e espírito estão em sujeição ao Espírito de verdade. Quem tem examinado a Palavra diligentemente à procura de exemplos e orientação neste respeito? Em quem podemos confiar como professores de nossas escolas na América e nos outros países? Deverão os alunos voltar às suas pátrias depois de anos de estudos, com ideias prevertidas acerca do respeito, a honra e a reverência que deviam ser dados a Deus, e sem se sentirem sob o dever de honrarem os homens de cabelos brancos, os homens de experiência, os escolhidos servos de Deus que têm estado relacionados com a obra de Deus durante quase todos os anos de sua vida? Aconselho a todos os que frequentam escolas na América ou em qualquer outro lugar a que não absorvam o espírito de irreverência. Compreendei ao certo por vós mesmos que espécie de educação necessitais, para que possais ensinar outros a obter a perfeição de carácter que suportará a prova que em breve sobrevirá a todos que vivem neste mundo. Convivei com os mais sólidos cristãos. Não escolhais os professores ou alunos pretenciosos, mas aqueles que mostram a mais profunda piedade, aqueles que têm um espírito de inteligência das coisas de Deus.

Estamos a viver em tempos perigosos. Os adventistas do sétimo dia fazem a profissão de ser o povo que guarda os mandamentos de Deus; mas estão a perder o seu espírito devocional. Este espírito de reverência para com Deus ensina aos homens a maneira de se aproximarem do seu Criador — com consagração e reverência pela fé, não em si mesmos, mas num Mediador. Assim o homem está seguro sob todas as circunstâncias em que se encontre. O homem deve vir ao escabelo da misericórdia de joelhos prostrados, como um súbdito da graça, um suplicante. E ao receber benefícios diariamente da mão de Deus, deve sempre acalentar gratidão em seu coração, e expressá-la por palavras de agradecimento e louvor por esses favores desmerecidos. Os anjos têm estado a guardar o seu caminho durante toda a sua vida, não tendo ele visto muitas das ciladas das quais o livraram. E por esta protecção e vigilância feita por olhos que nunca cochilam e nunca dormem, deve ele reconhecer em cada oração, o serviço que Deus lhe presta.

Eles deviam louvar o Mais Sublime Deus na assembleia dos justos e na congregação. Todos os que têm uma noção de sua vitalícia ligação com Deus deviam estar diante do Senhor como Suas testemunhas, relatando o amor, as misericórdias e a bondade de Deus. Que as palavras sejam sinceras, simples, fervorosas, inteligentes, o coração inflamado com o amor de Deus os lábios santificados para Sua glória não somente para anunciar as beneficências de Deus na assembleia dos santos, mas para serem Suas testemunhas em todo lugar. Os habitantes da terra devem saber que Ele é Deus, o único Deus verdadeiro e vivo.

Deve haver um conhecimento inteligente de como aproximar-se de Deus em reverência e piedoso temor com amor devocional. Há uma crescente falta de reverência para com o nosso Criador, um crescente desrespeito pela Sua grandeza e majestade. Mas Deus fala-nos nestes últimos dias. Ouvimos Sua voz na tempestade, no ribombar do trovão. Ouvimos das calamidades que Ele permite nos terremotos, nas inundações e nos elementos destruidores que levam tudo à sua frente. Ouvimos de navios que naufragam no oceano tempestuoso. Às famílias que tem recusado reconhecer-Lo às vezes Deus fala no turbilhão e na tempestade, às vezes face a face como Ele falou com Moisés. Ou segreda Seu amor à confiante criancinha ou ao decrepito e encanecido ancião. E a sabedoria terrestre torna-se sábia ao contemplar o invisível.

Cubram todos a sua face quando se ouve a pequenina voz que sucede ao turbilhão e à tempestade que deslocam as rochas, porque Deus está muito perto. Que se escondam em Jesus Cristo; porque Ele é o seu esconderijo. Sua mão ferida cobrirá a fenda na rocha enquanto o humilde suplicante prostrado espera para ouvir o que o Senhor diz ao Seu servo. — Manuscrito 84b 1897.

Não há tempo nem lugar impróprios para se erguer a Deus uma oração... Entre as turbas de transeuntes na rua, em meio de uma transacção comercial, podemos elevar a Deus um pedido, rogando a direcção divina, como fez Neemias quando apresentou seu pedido, perante o rei Artaxerxes. Degraus de Vida Cristã, pág. 88, 89.

Podemos falar com Jesus ao caminhar e Ele diz: Acho-Me à tua mão direita (Salmo 16:8). Podemos comunicar com Deus em nosso coração; andar na companhia de Cristo. Quando empenhados em nossos trabalhos diários, podemos exalar o desejo de nosso coração, de maneira inaudível aos ouvidos humanos; mas essas palavras não amortecerão em silêncio, nem serão perdidas. Coisa alguma pode sufocar o desejo da alma, Ele se ergue acima do borborinho das ruas, acima do barulho das máquinas. É a Deus que estamos falando, e nossa oração é ouvida. 'Obreiros Evangélicos, pág. 258'.

Para orar não é necessário que estejais sempre prostrados de joelhos. Cultivai o hábito de falar com o Salvador quando sós, quando estais caminhando, e quando ocupados com os trabalhos diários. — 'Ciência do Bom Viver, pág. 511'.

Tradução de Selected Messages, vol. II,
págs. 311 a 316, por E. V. Hermanson

TABELA DO PÔR-DO-SOL DE SEXTA-FEIRA EM PORTUGAL CONTINENTAL

MARÇO

Dia	Hora
1	19,30
8	19,37
15	19,43
22	19,50
29	19,57

CALENDÁRIO ADVENTISTA

Datas especiais no mês de MARÇO

- 2-9 — Grande Semana e Oferta Act. Leigas
- 9 — Dia da Escola Sabatina
- 9 — Oferta de Primavera para as Missões
- 16 — Dia dos Missionários Voluntários
- 16-23 — Semana dos Missionários Voluntários
- 30 — DIA DE BAPTISMOS
- 30 — 13º Sábado (Divisão Sul-Europeia)
- 30 — Educação Cristã e oferta para as Escolas Primárias

Hino especial da Semana M. V.

Dia a dia com Jesus

BUD METZGER

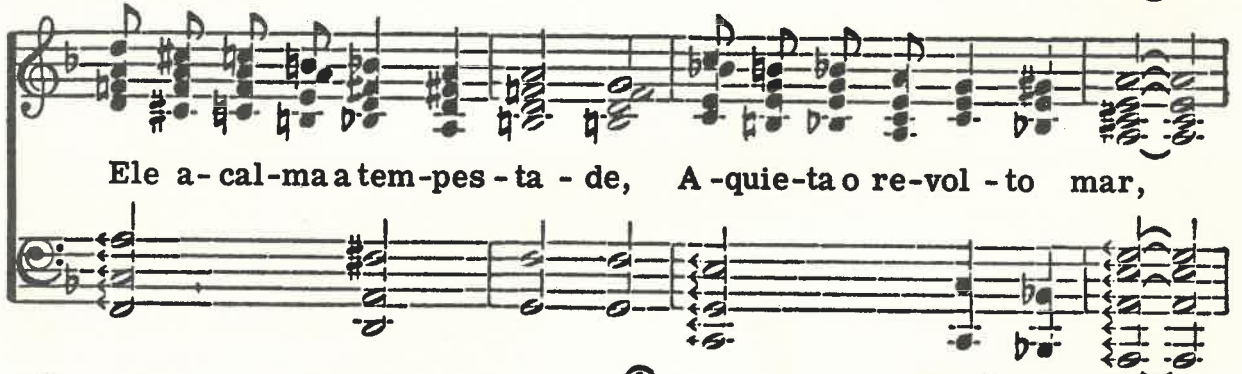
MAXINE ANDERSON



Di-a a di - a vou se - gui - l'O, Nos Seus pas - sos vou an - dar,



Ho - ra a ho - ra a Seu cui - da - do, Pe - los a - nos ca - mi - nhar.



Ele a - cal - ma a tem - pes - ta - de, A - quie - ta o re - vol - to mar,



Os mun - dos são Seus; é o Fi - lho de Deus, Quem co - mi - go sem - pre vai an - dar.

Copyright. 1988, by Percy B. Crawford